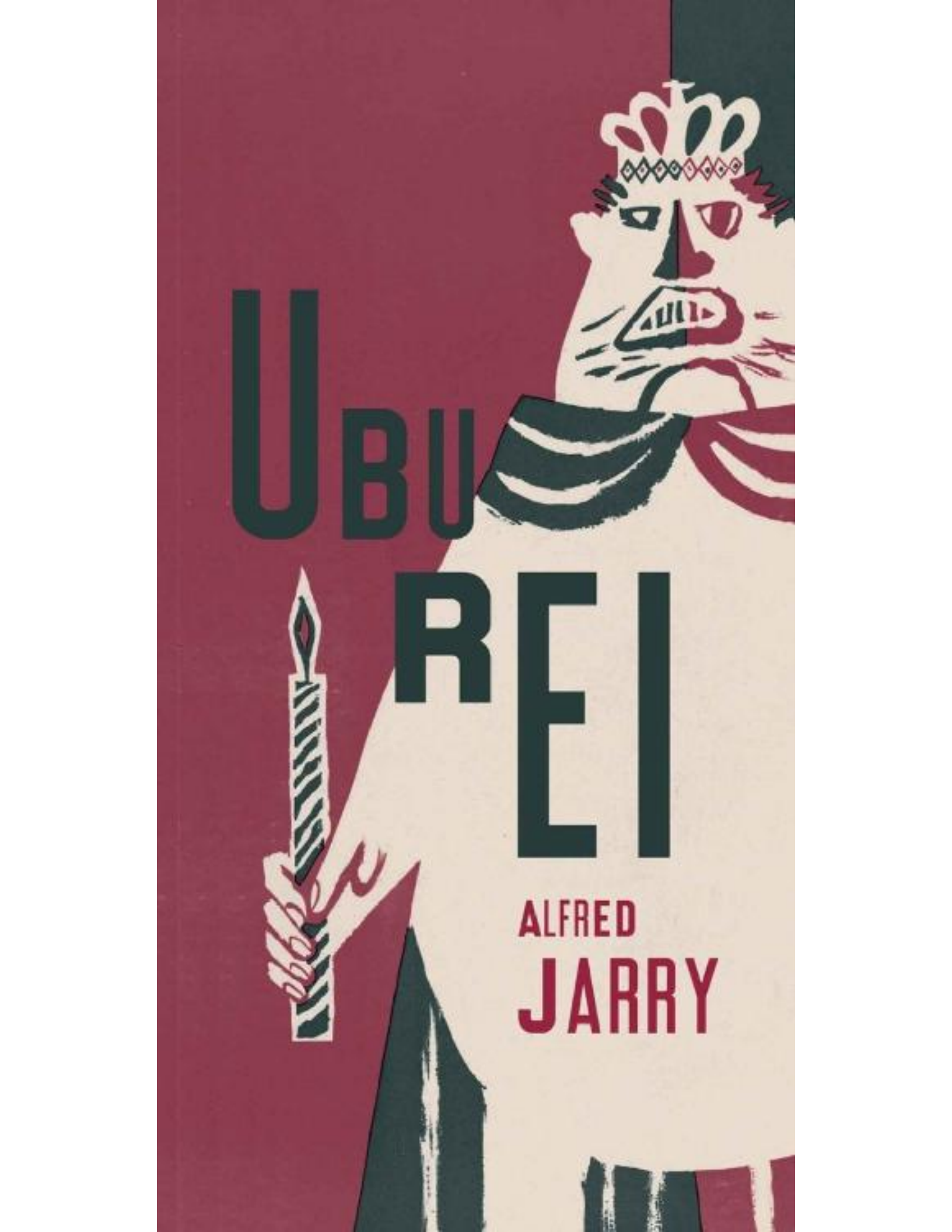


A stylized, high-contrast illustration of a king's face and hand. The king's face is depicted in profile, wearing a crown with a diamond pattern. He has a large, open mouth showing teeth. He is holding a lit candle in his right hand. The background is split into a dark red upper half and a dark green lower half. The king's face and hand are rendered in white and black, with some red accents. The title 'UBU REI' is written in large, bold, black letters across the center.

UBU REI

ALFRED
JARRY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALFRED JARRY

UBU REI OU OS POLONESES

DRAMA EM 5 ATOS EM PROSA

RESTITUÍDO EM SUA INTEGRIDADE TAL COMO FOI
REPRESENTADO POR MARIONETES NO TEATRO DE
PHYNANÇAS EM 1888

E NO TEATRO DE L'OEUVRE NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1896

TRADUÇÃO

BÁRBARA DUVIVIER E GREGÓRIO
DUVIVIER

ubu

Este livro é dedicado a Marcel Schwob

*Entonces o Pai Ubu
Sacudiu a pera
Sendo depois
Batizado pelos ingleses de
Shakespeare
E temos dele
sob este nome
belas tragédias escritas*

OS PERSONAGENS

PAI UBU

MÃE UBU

CAPITÃO BOSTADURA

REI VENCESLAU

RAINHA ROSAMUNDA

BOLES LAU

LADISLAU

BUGRELAU

SEUS FILHOS

GENERAL LASCY

STANISLAU LECZINSKI

JEAN SOBIESKI

NICOLAS RENSKY

IMPERADOR ALEXIS

GIRÃO

PILA

COTICA

CARALHEIROS

CONJURADOS E SOLDADOS

POVO

MICHEL FEDEROVITCH

NOBRES

MAGISTRADOS

CONSELHEIROS

FINANCISTAS

LACAIO DAS PHYMANÇAS

CAMPONESES

TODD O EXÉRCITO RUSSO

TODD O EXÉRCITO POLONÊS

GUARDAS DA MÃE UBU

UM CAPITÃO

URSO

CAVALO-DE-PHYMANÇAS

MÁQUINA DE DESMIOLAR

TRIPULAÇÃO

COMANDANTE

AtO 1

CENA 1

Pai Ubu, Mãe Ubu

PAI UBU Merdra.

MÃE UBU Ah! Que bonito, Pai Ubu, que grande canalha você é.

PAIUBU Olha que eu te estrupio, Mãe Ubu!

MÃE UBU Não sou eu, Pai Ubu, é outra pessoa que você tem que assassinar.

PAIUBU Pela minha vara verde, não tô entendendo nada.

MÃE UBU Por acaso você tá satisfeito com o destino que teve, Pai Ubu?

PAI UBU Ah, minha vara verde, merdra, madame, estou satisfeito, sim, e daí? Não é pra menos: capitão dos dragões, oficial de confiança do rei Venceslau, condecorado com a ordem da Águia Vermelha da Polônia e antigo rei de Aragão, quer mais o quê?

MÃE UBU O quê? Depois de ter sido rei de Aragão, o senhor se contenta em liderar um monte de pau-mandado armado de faca de pão, quando poderia enfiar nessa cachola a coroa da Polônia, não a de Aragão!

PAI UBU Quê? Mãe Ubu, não entendi nada do que você disse.

MÃE UBU Porque você é burro!

PAI UBU Pela minha vara verde, o rei Venceslau ainda tá vivo! E, mesmo se morrer, ele não tem um bando de filhos?

MÃE UBU E o que te impede de massacrar a família toda pra mostrar quem é que manda?

PAI UBU Ah, Mãe Ubu, se continuar a me ofender assim, vai parar na panela.

MÃE UBU Pobre coitado! Se eu parar na panela, quem é que vai remendar teus fundilhos?

PAI UBU Verdade. Mas e daí? Minha bunda é igual a de todo mundo.

MÃE UBU Se eu fosse você, eu metia essa bunda num trono. Você podia enriquecer infinitamente, comer linguiça o dia inteiro e ostentar sua carruagem pela cidade.

PAI UBU Se eu fosse rei, mandaria fazer um capacete enorme, igual ao que eu tinha em Aragão e que aqueles escrotos dos espanhóis me roubaram na cara dura.

MÃE UBU Você também podia comprar um guarda-chuva e um paletó que vai até o calcanhar.

PAI UBU Ah! Não resisto a essa tentação. Estrúpido de merdra, merdra de estrúpido, se um dia eu encontrar ele num beco, vai passar uma meia hora inesquecível.

MÃE UBU Agora sim, Pai Ubu! Tá parecendo um homem de verdade.

PAI UBU Ai, não! Eu, capitão dos dragões, matar o rei da Polônia? Prefiro morrer!

MÃE UBU *aparte* Merdra! *Para Pai Ubu* Assim você vai continuar miserável como um rato.

PAI UBU Ah, meu pai, minha vara verde, prefiro ser pobre como um rato magro e leal do que rico como um gato gordo e mau.

MÃE UBU E o capacete? O guarda-chuva? O paletó?

PAI UBU O que é que tem, Mãe Ubu? *Sai, batendo a porta*

MÃE UBU *sozinha* Afe, que merdra. Ele é osso duro de roer, mas acho que dei uma balançada. Graças a Deus e a mim mesma, quem sabe em poucos dias não viro rainha da Polônia!

CENA 2

A cena se passa em um cômodo da casa de Pai Ubu onde uma mesa farta está posta.

Pai Ubu, Mãe Ubu

MÃE UBU Ih, nossos convidados estão demorando muito.

PAI UBU Pela minha vara verde! Tô morrendo de fome. Hoje você tá ainda mais baranga, Mãe Ubu. É pras visitas?

MÃE UBU *dando de ombros* Merdra.

PAI UBU *pegando um frango assado* Poxa, tô com fome. Vou dar uma dentada neste passarinho. É um frango, eu acho. Não tá ruim, não.

MÃE UBU O que você tá fazendo, infeliz? E os convidados vão comer o quê?

PAI UBU Vai sobrar bastante pra eles. Não vou tocar em mais nada. Vai lá na janela ver se os convidados tão chegando.

MÃE UBU *indo em direção à janela* Não tô vendo nada. *Enquanto isso, Pai Ubu rouba um pedaço de vitela*

MÃE UBU Olha só, o capitão Bostadura e seus seguidores. Você tá comendo o quê, Pai Ubu?

PAI UBU Nada! Um pedacinho de vitela.

MÃE UBU A vitela! A vitela! Ele comeu a vitela! Misericórdia!

PAI UBU Eu juro pela minha vara verde que vou arrancar teus olhos!

A porta se abre

CENA 3

Pai Ubu, Mãe Ubu, capitão Bostadura e seus seguidores

MÃE UBU Bom dia, senhores, já estávamos impacientes. Sentem-se, por favor.

CAPITÃO BOSTADURA Bom dia, madame. Mas cadê o Pai Ubu?

PAI UBU Bem aqui! Aqui! Cruzes, pela minha vara verde, não sou tão magro assim.

CAPITÃO BOSTADURA Bom dia, Pai Ubu. Sentem-se, rapazes.
Todos sentam

PAI UBU Eita, um pouco mais e a cadeira vinha abaixo.

CAPITÃO BOSTADURA Então, Mãe Ubu?! O que a senhora preparou de bom pra hoje?

MÃE UBU Ouçam o menu.

PAI UBU Opa, isso me interessa.

MÃE UBU Sopa polonesa, costeleta de ratação, vitela, frango, patê de cachorro, sobreco de peru, torta russa...

PAI UBU Acho que já deu! Tem mais coisa?

MÃE UBU *continuando* Bomba, salada, frutas, ensopado, alcachofra-de-jerusalém, couve-flor à la merdra.

PAI UBU Ei, tá achando que eu sou o quê, um sultão, pra gastar assim?

MÃE UBU Não lhe deem ouvidos, ele é um imbecil.

PAI UBU Ah! Vou afiar meus dentes nas tuas canelas.

MÃE UBU Melhor você comer antes, Pai Ubu. Toma um pouco de sopa.

PAI UBU Caceta, que coisa horrível.

CAPITÃO BOSTADURA Não está bom mesmo não.

MÃE UBU Cambada de carcamano, vocês querem o quê?

PAI UBU *batendo na testa* Tenho uma ideia. Já volto. *Ele sai*

MÃE UBU Senhores, provem um pouco de vitela.

CAPITÃO BOSTADURA Tá ótima, já terminei.

MÃE UBU E agora, os sobreco.

CAPITÃO BOSTADURA Deliciosos, deliciosos! Viva a Mãe Ubu.

TODOS Viva a Mãe Ubu!

PAI UBU *de volta* Já, já, vocês vão gritar “Viva o Pai Ubu”. *Segura um esfregão nojento e joga em cima do banquete*

MÃE UBU Desgraçado, o que você está fazendo?

PAI UBU Provem um pouco! *Alguns homens provam e caem envenenados.*

PAI UBU Mãe Ubu, me passa as costeletas de ratação, pra eu servir.

MÃE UBU Toma.

PAI UBU Todo mundo, pra fora! Capitão Bostadura, preciso falar com você.

OS OUTROS Ei! A gente ainda não comeu.

PAI UBU Como não comeram? Todos pra fora! Fica, Bostadura. *Ninguém se move*

PAI UBU Não foram embora? Juro pela minha vara verde que vou amassar vocês com golpes de costeleta! *Começa a jogar costeletas neles*

TODOS Ai! Socorro! Vamos nos defender! Desgraça! Estou morrendo!

PAI UBU Merdra, merdra, merdra. Pra fora! Estou arrasando.

TODOS Salve-se quem puder! Pai Ubu, desgraçado! Traidor! Canalha!

PAI UBU Até que enfim foram embora. Estou aliviado, mas comi mal demais. Vem cá, Bostadura. *Eles saem com Mãe Ubu*

CENA 4

Pai Ubu, Mãe Ubu e capitão Bostadura

PAI UBU Então, capitão, o jantar tava bom?

CAPITÃO BOSTADURA Ótimo, senhor, menos a merdra.

PAI UBU Ah, a merdra não tava ruim.

MÃE UBU Gosto não se discute.

PAI UBU Capitão Bostadura, decidi te nomear duque da Lituânia.

CAPITÃO BOSTADURA Mas como? Achei que o senhor tava na pior, Pai Ubu.

PAI UBU Não é por nada não, mas dentro de alguns dias vou ser rei da Polônia.

CAPITÃO BOSTADURA O senhor vai matar Venceslau?

PAI UBU Até que o cara não é burro, ele adivinhou.

CAPITÃO BOSTADURA Se for pra matar Venceslau, tô dentro. Sou seu inimigo de morte e falo também por meus homens.

PAI UBU *se jogando em cima dele para abraçá-lo* Ah, eu te amo, Bostadura!

CAPITÃO BOSTADURA Eita! Você está fedendo demais, Pai Ubu. Você não toma banho nunca?

PAI UBU Raramente.

MÃE UBU Nunca!

PAI UBU Vou te dar um corretivo!

MÃE UBU Seu merdrão!

PAI UBU Pronto, Bostadura, está tudo acertado. E eu juro pela minha vara verde que vou fazer de você duque da Lituânia.

MÃE UBU Mas...

PAI UBU Cala a boca, fofinha do papai.

Saem

CENA 5

Pai Ubu, Mãe Ubu e o Mensageiro

PAI UBU Diga, senhor, o que deseja? Dá o fora, não enche.

MENSAGEIRO Senhor, o rei mandou chamá-lo.

Ele sai

PAI UBU Oh! Merdra, cuscredo, minha vara verde, fui descoberto, vou ser decapitado! Desgraça! Desgraça!

MÃE UBU Que homem frouxo! E o tempo urge.

PAI UBU Tenho uma ideia: vou dizer que foi a Mãe Ubu e o Bostadura.

MÃE UBU Ah! Seu Pai Chulé! Se você fizer isso...

PAI UBU Opa, melhor eu ir logo.

Ele sai

MÃE UBU *correndo atrás dele* Ei! Pai Ubu, Pai Ubu! Te dou uma linguça!

Ela sai

PAI UBU *fora de cena* Grande merdra! Sua linguça não tá com essa bola toda, não.

CENA 6

Palácio do rei

*Rei Venceslau, cercado de soldados. Bostadura, os filhos do rei:
Boleslau, Ladislau e Bugrelau
A seguir, entra o Pai Ubu*

PAI UBU *entrando* Olha, eu não tenho nada a ver com isso, foi a Mãe Ubu e o Bostadura.

REI O que é que você tem, Pai Ubu?

BOSTADURA Bebeu demais.

REI Que nem eu, hoje de manhã.

PAI UBU Estou bêbado, sim. Foi porque eu bebi muito vinho francês.

REI Pai Ubu, quero te recompensar pelos teus serviços como capitão dos dragões, e hoje te nomeio conde de Sandomiria.

PAI UBU Ô, senhor Venceslau, não sei como agradecer.

REI Não me agradeça, Pai Ubu, e venha amanhã de manhã pra grande cerimônia das tropas.

PAI UBU Estarei lá, mas, por favor, aceite esta flautinha de presente.

Mostra uma flautinha para o rei.

REI O que um cara da minha idade quer com uma flautinha? Vou dar pro Bugrelau.

JOVEM BUGRELAU Como é burro, o Pai Ubu.

PAI UBU E agora, vou dar o fora daqui. *Cai no chão, tentando dar a volta* Ai! Ui! Socorro! Minha vara verde! Acho que estourei o intestino e quebrei a buzanfa!

REI *ajudando Ubu a se levantar* Pai Ubu, você se machucou?

PAI UBU Com certeza, e acho que vou morrer. O que vai ser da Mãe Ubu?

REI Nós cuidaremos do sustento dela.

PAI UBU O senhor tem bondade de sobra. *Sai* É, rei Venceslau, mas nem assim vai salvar sua pele.

CENA 7

Casa do Pai Ubu

Girão, Pila, Cotica, Pai Ubu, Mãe Ubu, Conjurados, Soldados e capitão Bostadura

PAI UBU Ah! Caros amigos, vamos acabar logo com essa conspiração. Cada um dá uma ideia. Eu vou dar a minha primeiro, se vocês permitirem.

CAPITÃO BOSTADURA Fale, Pai Ubu.

PAI UBU Então, meus amigos, acho que a gente tem que envenenar o rei pingando arsênico no almoço dele. Quando ele se empanturrar, vai cair duro, e assim eu serei rei.

TODOS Afe, que baixaria!

PAI UBU O quê, não gostaram? Então dá sua ideia, Bostadura.

CAPITÃO BOSTADURA Acho que a gente tem que enfiar a espada nele, da cabeça até a cintura.

TODOS Aí! Isso, sim, é nobre e valente.

PAI UBU E se ele encher vocês de pontapés? Estou me lembrando agora que durante as cerimônias ele usa sapatos de ferro que podem fazer um estrago. Se eu pudesse, iria agora mesmo denunciar vocês pra me safar dessa sujeira, e acho que o rei ainda me daria uma grana por isso.

MÃE UBU Ah! Traidor, covarde, asqueroso, interesseiro!

TODOS Vamos vaiar o Pai Ubu!

PAI UBU Ei, senhores, muita calma, senão vão parar no fundo do meu bolso. Está bem, vou me arriscar por vocês. Sendo assim, Bostadura, você é o encarregado de partir o rei ao meio.

CAPITÃO BOSTADURA Não seria melhor a gente se jogar nele de uma vez, berrando e xingando? Assim a gente arrasta as tropas junto.

PAI UBU Tá certo. Deixa que eu piso no pé dele, ele vai tropeçar, então eu vou dizer: merdra! E esse é o sinal para vocês se jogarem em cima dele.

MÃE UBU E assim que ele morrer, você pega o cetro e a coroa.

CAPITÃO BOSTADURA E eu corro com meus homens atrás da família dele.

PAI UBU Isso, e eu te recomendo especialmente o jovem Bugrelau.

Eles saem

PAI UBU *correndo atrás deles, fazendo-os voltar* Senhores, esquecemos uma cerimônia indispensável. Temos que jurar que lutaremos bravamente.

CAPITÃO BOSTADURA Como? Aqui não tem padre.

PAI UBU A Mãe Ubu vai ser o padre.

TODOS Tá bom.

PAI UBU Então vocês juram que matarão o rei?

TODOS Sim, juramos. Viva o Pai Ubu!

AtO 2

CENA 1

Palácio do rei

Rei Venceslau, rainha Rosamunda, Boleslau, Ladislau e Bugrelau

REI Bugrelau, o senhor foi muito impertinente esta manhã com o senhor Ubu, cavaleiro da minha ordem e conde de Sandomiria. E por isso o senhor está proibido de comparecer à cerimônia.

RAINHA Venceslau, pense bem, não seria melhor ter toda a sua família para te defender?

REI Senhora, sou um homem de palavra. A senhora está me cansando com essas baboseiras.

JOVEM BUGRELAU Eu aceito a sentença, meu pai.

RAINHA Majestade, o senhor ainda está decidido a comparecer à cerimônia?

REI Por que não, senhora?

RAINHA Eu já não te contei que tive um sonho em que ele e seu exército te trucidavam e te jogavam no rio Vístula, e uma águia como aquela das armas da Polônia pousava a coroa na cabeça dele?

REI Dele, quem?

RAINHA Do Pai Ubu.

REI Que loucura. O senhor de Ubu é um fidalgo muito digno, eu boto a mão no fogo por ele.

RAINHA E BUGRELAU Que erro.

REI Quietos, seu nojentos. E a senhora, pra provar o quanto eu não tenho medo do senhor Ubu, vou comparecer à cerimônia tal como estou, sem arma e sem espada.

RAINHA Uma imprudência fatal, não o verei mais vivo.

REI Venha, Ladislau, venha, Bugrelau.

Eles saem. A rainha e Bugrelau vão até a janela.

RAINHA E BUGRELAU Que Deus e são Nicolau os protejam.

RAINHA Bugrelau, vamos até a capela rezar por seu pai e seus irmãos.

CENA 2

Pátio da cerimônia

O exército polonês, o rei, Boleslau, Ladislau, Pai Ubu, capitão Bostadura e seus seguidores, Girão, Pila, Cotica

REI Nobre Pai Ubu, venha inspecionar as tropas com sua comitiva.

PAI UBU *aos seus* Atenção, vocês aí! *para o rei* Vamos, senhor, vamos. *Os homens de Pai Ubu cercam o rei*

REI Aqui está o regimento de cavalaria de guarda de Dantzick. São bonitos, não são?

PAI UBU Jura? Pra mim, parecem um lixo. Olha este aqui. *para o soldado* Há quanto tempo você não faz a barba, seu palhaço?

REI Mas este soldado está impecável. O que o senhor tem, Pai Ubu?

PAI UBU Isso aqui! *Pai Ubu pisa no pé do rei*

REI Desgraçado!

PAI UBU Merdra! Soldados, agora!

BOSTADURA Urra! Avançar! *Todos atacam o rei, um caralheiro explode*

REI Oh! Socorro! Virgem Santa, estou morrendo.

BOLESLAU *para Ladislau* O que é isso? Vamos lutar!

PAI UBU Ah! A coroa é minha! Agora é a vez dos outros!

CAPITÃO BOSTADURA Abaixo os traidores! *Os filhos do rei fogem, e todos os perseguem*

CENA 3

Rainha e Bugrelau

RAINHA Agora, sim, estou mais tranquila.

BUGRELAU A senhora não tinha o que temer.

Um barulho assustador reverbera do lado de fora

BUGRELAU Ah, o que estou vendo? Meus irmãos perseguidos pelo Pai Ubu e seus homens.

RAINHA Ah, meu Deus! Virgem Santa, vão alcançá-los!

BUGRELAU Todo o exército está seguindo o Pai Ubu. O rei não está mais lá. Que horror! Socorro!

RAINHA Boleslau morreu! Foi atingido!

BUGRELAU Ei! *Ladislau vira em sua direção* Se defende, isso!

RAINHA Oh, ele está cercado.

BUGRELAU Já era. Bostadura cortou ele como uma salsicha.

RAINHA Que desgraça! Esses rebeldes estão invadindo o palácio, já estão subindo as escadas!

O barulho aumenta

RAINHA E BUGRELAU *ajoelhados* Meu Deus, nos ajude!

BUGRELAU Ah, esse Pai Ubu! Espertalhão, desgraçado! Se eu pegasse ele...

CENA 4

Os mesmos, a porta foi arrombada. Pai Ubu e os outros fanáticos invadem o palco

PAI UBU Ei! Bugrelau, o que você quer comigo?

BUGRELAU Meu Deus do Céu! Vou defender minha mãe até a morte! O primeiro a dar um passo vai morrer!

PAI UBU Ai, Bostadura, tô com medo! Me solta.

SOLDADO *avançando* Renda-se, Bugrelau!

JOVEM BUGRELAU Toma isso, canalha! *Corta-lhe a cabeça*

RAINHA Aguenta firme, Bugrelau, aguenta firme!

VÁRIOS SOLDADOS *avançando* Bugrelau, nós prometemos poupar sua vida.

BUGRELAU Gentilha, pinguços, nojentos mercenários!

Gira a espada, massacrando os que estão à sua volta

PAI UBU Oh! Quem diria que vou conseguir?

BUGRELAU Mãe, foge pela escada secreta.

RAINHA E você, meu filho, e você?

BUGRELAU Vou logo atrás de você.

PAI UBU Peguem a rainha! Ah! Ela fugiu. E você, desgraçado!...

Ele se atira na direção de Bugrelau

BUGRELAU Ah! Deus seja louvado! Finalmente, minha vingança! *desfere-lhe um golpe de espada que descostura sua pança* Mãe, estou indo atrás de você! *Desaparece pela escada secreta*

CENA 5

Uma caverna nas montanhas

Jovem Bugrelau, seguido de Rosamunda

BUGRELAU Aqui estaremos seguros.

RAINHA Acho que sim! Bugrelau, me ajuda! *A rainha cai na neve*

BUGRELAU O que houve, mãe?

RAINHA Estou muito mal, Bugrelau. Só tenho mais duas horas de vida.

BUGRELAU O quê? Foi o frio que te pegou?

RAINHA Como você quer que eu resista a tantos golpes? O rei, massacrado, nossa família, destruída, e você, o representante da mais nobre estirpe que já empunhou uma espada, forçado a bater em retirada pras montanhas como um bandido.

BUGRELAU E a culpa é de quem, meu Pai do Céu? De quem? Daquele cafona do Pai Ubu, aventureiro vindo sei lá de onde, crápula, mau-caráter, vagabundo, uma vergonha! Quando eu penso que meu pai condecorou aquele bandido e fez dele conde e que, no dia seguinte, ele não titubeou em atacá-lo!

RAINHA Oh, Bugrelau! E pensar que éramos tão felizes antes da chegada do Pai Ubu! Mas agora, que desgraça! Tudo mudou!

BUGRELAU O que podemos fazer? Vamos ter esperança, nunca desistir dos nossos direitos.

RAINHA É o que eu desejo pra você, meu filho querido, mas pra mim este dia feliz não chegará.

BUGRELAU Ei! O que você tem? Ela está pálida, está caindo, socorro! Mas eu estou no meio do nada! Ah, meu Deus! O coração parou de bater. Ela está morta! Será possível? Mais uma vítima do Pai Ubu! *Esconde o rosto nas mãos e chora* Ah, meu Deus! Como é triste ficar sozinho aos catorze anos, com uma terrível vingança pela frente!

Cai no mais profundo desespero. Enquanto isso, as almas de Venceslau, Boleslau, Ladislau e Rosamunda entram na caverna. Seus ancestrais chegam em seguida e enchem a caverna. O mais velho se aproxima de Bugrelau e o acorda com doçura.

BUGRELAU Ei! O que estou vendo? A minha família inteira, meus ancestrais... Que milagre é esse?

SOMBRA Saiba, Bugrelau, que eu fui durante toda a minha vida o senhor Mathias de Koenigsberg, primeiro rei e fundador da nossa casa. Confio a você a nossa vingança. *entrega a ele uma grande espada* Que esta espada que eu te dou só descanse após o golpe fatal no usurpador.

Todos desaparecem e Bugrelau fica sozinho, em choque

CENA 6

Palácio do rei

Pai Ubu, Mãe Ubu, capitão Bostadura

PAI UBU Não, eu não quero! Você quer me arruinar por causa desses estrúpidos?

CAPITÃO BOSTADURA Por favor, Pai Ubu, o senhor não entende que o povo espera algum gesto de generosidade com sua chegada?

MÃE UBU Se não distribuir carne e ouro pro povo, você vai cair rapidinho.

PAI UBU Carne, sim! Ouro, não! Matem uns três pangarés, tá mais do que bom pra esses nojentos.

MÃE UBU Nojento é você! De onde surgiu esse animal?

PAI UBU Vou falar mais uma vez: eu quero ficar rico, não vou abrir mão de um centavo.

MÃE UBU Mas você já tem nas mãos todos os tesouros da Polônia.

CAPITÃO BOSTADURA Verdade, sei que na capela tem um tesouro enorme, vamos distribuí-lo.

PAI UBU Desgraçado, se você fizer isso...!

CAPITÃO BOSTADURA Mas, Pai Ubu, se você não distribuir nada, o povo não vai querer pagar os impostos.

PAI UBU É verdade?

MÃE UBU É claro!

PAI UBU Ah, então eu tô de acordo. Junta aí uns três milhões e assa uns cento e cinquenta bois e carneiros, até porque eu vou querer também.

Eles saem

CENA 7

Pátio do palácio cheio de gente

Pai Ubu corado, Mãe Ubu, capitão Bostadura, lacaios carregados de carne

POVO Lá vem o rei! Viva o rei! Urra!

PAI UBU *jogando ouro* Toma isso daí, pra vocês. Eu não tinha gostado dessa ideia de dar dinheiro, não, foi a Mãe Ubu que quis. Prometam, pelo menos, que vão pagar os impostos direitinho.

TODOS Sim, sim!

CAPITÃO BOSTADURA Veja, Mãe Ubu, como eles disputam o ouro. É uma batalha!

MÃE UBU É mesmo, que horror. Eca! Olha aquele ali com a cabeça rachada.

PAI UBU Que belo espetáculo! Tragam mais caixas de ouro.

CAPITÃO BOSTADURA E se a gente inventasse uma corrida?

PAI UBU É uma ideia. *Para o povo* Meus amigos! Aqui nesta caixa de ouro tem trezentos mil nobres-da-rosa em ouro, moeda polonesa e confiável. Quem quiser participar da corrida, é só se posicionar no canto do pátio. Eu vou dar a partida com meu lenço e o primeiro a chegar ganhará a caixa. Aqueles que não ganharem terão como prêmio de consolação esta outra caixa, que será dividida por todos.

TODOS Viva! Viva o Pai Ubu! Que bom rei! Não se via nada parecido no tempo de Venceslau.

PAI UBU *para Mãe Ubu, alegre* Escuta só o que eles estão falando! *O povo se posiciona no canto do pátio*

PAI UBU Um, dois, três! Todos prontos?

TODOS Sim! Sim!

PAI UBU Já! *Eles correm, se acotovelando. Gritos e tumulto*

CAPITÃO BOSTADURA Estão chegando! Estão chegando!

PAI UBU Ih! O primeiro está ficando para trás.

MÃE UBU Não, tá recuperando agora!

CAPITÃO BOSTADURA Ah, perdeu, perdeu! Acabou! Foi o outro!
O que estava em segundo lugar vence a corrida

TODOS Viva Michel Federovitch! Viva Michel Federovitch!

MICHEL FEDEROVITCH Majestade, não sei como agradecer...

PAI UBU Meu caro amigo, não tem de quê. Leve a caixa para casa, Michel; quanto a vocês, dividam esta outra, peguem uma moeda cada um, até acabar.

TODOS Viva Michel Federovitch! Viva o Pai Ubu!

PAI UBU E vocês, meus amigos, venham jantar! Abro hoje as portas do palácio, façam a honra de dividir a mesa comigo!

POVO Estamos entrando! Viva o Pai Ubu! O mais nobre dos reis!

*Entram no palácio. Ouve-se a esbórnia até o dia seguinte Cai o
pano*

AtO 3

CENA 1

Palácio

Mãe Ubu, Pai Ubu

PAI UBU Pela minha vara verde, olha eu aqui, o rei deste país. Já comi tanto que tive uma indigestão e agora vão trazer meu capacete.

MÃE UBU Foi feito de que material, Pai Ubu? Não é porque a gente é rei que a gente não tem que economizar.

PAI UBU Minha fêmea querida, mandei fazer de couro de carneiro, com presilhas e cordões em couro de cachorro.

MÃE UBU Nada mal. Melhor que isso, só ser rei!

PAI UBU É, você tem razão, Mãe Ubu.

MÃE UBU A gente deve muito ao duque da Lituânia.

PAI UBU Quem?

MÃE UBU Ué! O capitão Bostadura.

PAI UBU Pelo amor de Deus, Mãe Ubu, não me fala desse estrúpido. Agora que não preciso mais dele, ele pode ficar chupando o dedo, não vai ser duque de coisa nenhuma.

MÃE UBU Você vai se arrepender, Pai Ubu, assim ele vai se voltar contra você.

PAI UBU Ah! Coitadinho dele, tenho tanto medo desse moleque quanto do Bugrelau.

MÃE UBU Ué, você acha que Bugrelau já era?

PAI UBU Mas é claro, rasga-finança! O que você acha que ele vai fazer, aquele nojento de catorze anos?

MÃE UBU Pai Ubu, presta atenção no que eu te digo. Acredita em mim, é melhor você amarrar o Bugrelau com algum favor.

PAI UBU E perder mais dinheiro? Ah, não! Você já me fez gastar vinte e dois milhões.

MÃE UBU Faz o que te der na telha, Pai Ubu, ele vai acabar te queimando.

PAI UBU E você vai estar no fogo comigo.

MÃE UBU Olha, mais uma vez, eu tenho certeza de que o jovem Bugrelau ganha de você, até porque ele tem a favor dele o direito legítimo.

PAI UBU Ah! Que sujeira! E o direito ilegítimo, não vale nada? Para de me encher, Mãe Ubu, vou fazer picadinho de você! *Mãe Ubu foge, Pai Ubu vai atrás*

CENA 2

Salão do palácio. Pai Ubu, Mãe Ubu, oficiais e soldados, Girão, Pila, Cotica, nobres acorrentados, financistas, magistrados, tabeliões

PAI UBU Tragam o tambor-dos-nobres, o gancho-dos-nobres, a faca-dos-nobres e o livro dos nobres! Depois, tragam os nobres.

Os nobres entram, empurrados brutalmente

MÃE UBU Vai com calma, Pai Ubu, pelo amor de Deus.

PAI UBU Tenho a honra de anunciar que, pra enriquecer nosso reino, vou matar todos os nobres e tomar seus bens.

NOBRES Que horror! Socorro! Povo, soldados!

PAI UBU Tragam o primeiro nobre e me passem o gancho-dos-nobres. Vou atirar os condenados à morte no alçapão, eles vão cair nos porões do Mata-Porco e da Câmara dos Tostões, e lá vão ser desmiolados. *Para o nobre* Quem é você, palhaço?

NOBRE Conde de Vitepsk.

PAI UBU Qual é tua renda?

NOBRE Três milhões de rixdales.

PAI UBU Condenado! *Pendura o nobre no gancho e joga-o no buraco*

MÃE UBU Que baixaria selvagem!

PAI UBU Segundo nobre, quem é você? *O nobre não responde*
Não vai responder, estrúpido?

NOBRE Grão-duque da Posnânia.

PAI UBU Excelente! Excelente! Não preciso saber mais nada. Pro alçapão. Terceiro nobre, quem é você, com essa cara horrível?

NOBRE Duque da Curlândia, das cidades de Riga, Revel e Mitau.

PAI UBU Muito bom, muito bom! Só isso?

NOBRE Só.

PAI UBU Pro alçapão, então. Quarto nobre, quem é você?

NOBRE Príncipe da Podólia.

PAI UBU Qual é tua renda?

NOBRE Estou falido.

PAI UBU Por esse palavrão, vai pro alçapão. Quinto nobre, quem é você?

NOBRE Margrave de Torun, paladino de Polatsk.

PAI UBU Não é nada incrível. Não tem mais nada?

NOBRE Pra mim, era suficiente.

PAI UBU Tá certo! Melhor um pouco do que nada. Pro alçapão. O que é que você tá cacarejando aí, Mãe Ubu?

MÃE UBU Você virou um selvagem, Pai Ubu.

PAI UBU Ué! Tô ficando rico. Agora vou ler a minha lista dos meus bens. Tabelaio, leia minha lista dos meus bens.

TABELIAO Condado de Sandomiria.

PAI UBU Começa pelos principados, seu cretino!

TABELIAO Principado da Podólia, grão-ducado da Posnânia, ducado da Curlândia, condado de Sandomiria, condado de Vitepsk, palatinado de Polatsk, margraviato de Torun.

PAI UBU Que mais?

TABELIAO Só isso.

PAI UBU Como, só isso? Então, venham, nobres, como eu não vou parar de enriquecer mesmo, vou executar logo todos vocês, assim terei todos os bens. Bora, joguem os nobres no alçapão. *Os nobres são atirados no alçapão* Mais rápido, anda logo, que eu quero fazer umas leis agora.

VÁRIOS É o que a gente vai ver.

PAI UBU Primeiro vou reformar a justiça, depois a gente passa pras finanças.

VÁRIOS JUÍZES Nós nos opomos a qualquer mudança.

PAI UBU Merdra. Primeiro de tudo, os juízes não vão mais receber.

JUÍZES E vamos viver de quê? Somos pobres.

PAI UBU Vocês vão receber as multas que emitirem e herdar os bens dos condenados à morte.

UM JUIZ Que horror.

SEGUNDO Infâmia.

TERCEIRO Escândalo.

QUARTO Indignação.

TODOS Nós nos recusamos a trabalhar nessas condições.

PAI UBU Juízes, pro alçapão! *Eles se debatem em vão*

MÃE UBU Ei, o que você tá fazendo, Pai Ubu? Quem vai fazer a justiça agora?

PAI UBU Taí! Eu mesmo. Você vai ver como vai funcionar bem.

MÃE UBU Vai ser uma beleza.

PAI UBU Cala essa matraca, sua estrúpida! Senhores, agora passemos pras finanças.

FINANCISTAS Não tem nada pra mudar.

PAI UBU Como não? Eu quero mudar tudo. Primeiro, vou ficar com a metade dos impostos.

FINANCISTAS Que folgado.

PAI UBU Senhores, vamos estabelecer um imposto de dez por cento sobre a propriedade, outro sobre o comércio e a indústria, outro sobre os casamentos e outro sobre as mortes, quinze francos cada um.

PRIMEIRO FINANCISTA Mas isso é ridículo, Pai Ubu.

SEGUNDO FINANCISTA É absurdo.

TERCEIRO FINANCISTA Não tem pé nem cabeça.

PAI UBU Vocês estão me sacaneando! Pro alçapão, todos os financistas! *Jogam os financistas*

MÃE UBU Pai Ubu, francamente, que espécie de rei é esse, matando todo mundo!

PAI UBU Eita, merdra!

MÃE UBU Sem justiça, sem finanças.

PAI UBU Não se preocupe, minha fofinha, eu mesmo vou de cidade em cidade recolher os impostos.

CENA 3

Uma casa de camponeses nos arredores de Varsóvia. Vários camponeses reunidos

CAMPONÊS *entrando* Escutem esta notícia! O rei está morto, os duques também e o jovem Bugrelau fugiu com a mãe para as montanhas! Além disso, o Pai Ubu tomou o trono.

OUTRO Ainda tem mais. Estou vindo de Cracóvia, de onde levaram os corpos de mais de trezentos nobres e quinhentos juízes, e parece que vão dobrar os impostos e que o Pai Ubu em pessoa vem recolher.

TODOS Deus do Céu! O que vai ser de nós? Pai Ubu é um crápula e parece que a família dele é uma quadrilha abominável.

CAMPONÊS Escutem! Parece que estão batendo à porta.

UMA VOZ *de fora* Chifre do bucho! Abram, pelo amor da merdra, por são João, são Pedro e são Nicolau! Abram, seus rasga-finanças, seu bando de corno-das-finanças, venho buscar os impostos! *A porta é arrombada, Pai Ubu entra, seguido de uma legião de coletores de impostos*

CENA 4

PAI UBU Qual é o mais velho aí? *Um camponês avança* Qual é o seu nome?

CAMPONÊS Stanislau Leczinski.

PAI UBU Olha aqui, chifre do meu bucho, presta atenção, senão esses senhores vão cortar suas zoreias! Vai me ouvir ou não?

STANISLAU Mas Vossa Excelência não disse nada.

PAI UBU Como não? Estou falando há horas. Acha que eu vim aqui pra pregar no deserto?

STANISLAU Longe de mim pensar isso.

PAI UBU Eu vim aqui te dizer, te ordenar e te comunicar que declare e apresente agora mesmo seu imposto de renda, senão vai ser massacrado. Vamos, senhores escrotinhos das finanças, carreguem pra cá o carregamento das finanças. *Trazem o carrinho*

STANISLAU Majestade, nós já fomos convocados e nosso imposto é de cento e cinquenta e dois rixdales, e todo mundo pagou vai fazer seis semanas no dia de são Mateus.

PAI UBU Pode até ser, mas eu mudei tudo isso aí e mandei publicar no jornal que dobrei todos os impostos e ainda vou triplicar os que ainda não criei. Com esse sistema vou fazer uma fortuna, depois mato todo mundo e vou embora.

CAMPONESES Senhor Ubu, tenha piedade de nós. Somos pobres cidadãos.

PAI UBU Caguei. Paguem logo.

CAMPONESES Não temos como, nós já pagamos.

PAI UBU Paguem! Ou meto vocês no bolso com direito a descolamento do pescoço e da cabeça! Chifre do bucho, até onde me lembro eu sou o rei!

TODOS Ah, é assim? Às armas! Viva Bugrelau, rei da Polônia e da Lituânia, pela graça de Deus!

PAI UBU Avante, senhores das finanças, cumpram o seu dever!
Começa uma luta, a casa é destruída e o velho Stanislau foge, sozinho. Ubu fica recolhendo o dinheiro

CENA 5

Catacumbas da fortaleza de Torun

Capitão Bostadura acorrentado, Pai Ubu

PAI UBU Ah! Cidadão, é assim que é. Você quis que eu pagasse o que eu te devia, se revoltou porque eu não quis pagar, conspirou contra mim e agora pronto, enjaulado. Corno das finanças, é isso aí, minha jogada foi tão boa que aposto que até você gostou.

CAPITÃO BOSTADURA Cuidado, Pai Ubu. Nesses cinco dias desde que o senhor virou rei, já cometeu mais assassinatos do que seria necessário pra condenar ao inferno todos os santos do paraíso. O sangue do rei e dos nobres pede vingança e esse clamor será ouvido.

PAI UBU Eita que sua língua tá solta, hein, amigão? Tenho certeza de que se você conseguir fugir vai me arranjar muito problema, mas acho que as catacumbas de Torun nunca deixaram escapar um mocinho. Então boa noite, durma com os anjos, só tome cuidado que à noite os ratos costumam dançar um belo de um bailarico.

Sai. Os lacaios trancam todas as portas

CENA 6

Palácio de Moscou. O czar Alexis e sua corte, Bostadura

CZAR ALEXIS É você o aventureiro infame que foi cúmplice da morte de nosso primo Venceslau?

BOSTADURA Senhor, me perdoe, eu fui arrastado pelo Pai Ubu.

ALEXIS Como você mente mal! Afinal, o que você quer?

BOSTADURA O Pai Ubu tá me acusando de conspiração e mandou me prender, eu consegui escapar e galopei durante cinco dias e cinco noites pelas estepes pra implorar sua graça misericordiosa.

ALEXIS E o que você trouxe como garantia de lealdade?

BOSTADURA Minha espada de aventureiro e um mapa detalhado da cidade de Torun.

ALEXIS Vou ficar com a espada, mas, por são Jorge, queima esse mapa, não quero que minha vitória se deva a uma traição.

BOSTADURA Um dos filhos de Venceslau, o jovem Bugrelau, ainda está vivo, e eu farei de tudo pra trazê-lo de volta.

ALEXIS Qual era o seu cargo no exército polonês?

BOSTADURA Eu comandava o quinto regimento dos dragões de Vilna e uma companhia independente a serviço do Pai Ubu.

ALEXIS Muito bem, te nomeio subtenente do décimo regimento dos cossacos, e aí de você se me trair. Se lutar direito, vai ser recompensado.

BOSTADURA Não é coragem que me falta, senhor.

ALEXIS Muito bem, some da minha frente.

Bostadura sai

CENA 7

Sala do Conselho de Ubu

Pai Ubu, Mãe Ubu, conselheiros de finanças

PAI UBU Senhores, está aberta a sessão. Mantenham a calma e prestem atenção. Primeiro vamos tratar das finanças, depois falaremos de um esqueminha que eu boleí pra fazer sol e afastar a chuva.

CONSELHEIRO Positivo, senhor Ubu.

MÃE UBU Que homem burro.

PAI UBU Madame de Merdra, presta atenção, eu não vou tolerar suas tolices. Como eu ia dizendo, senhores, as finanças vão meio mais ou menos. Um bando de cães treinados se espalha toda manhã pelas ruas e os escrotinhos trabalham que é uma maravilha. De todos os lados só tem casas incendiadas e pessoas se dobrando ao peso das nossas finanças.

CONSELHEIRO E os novos impostos, senhor Ubu, estão dando resultado?

MÃE UBU Nem um pouco. O imposto sobre os casamentos só rendeu onze tostões, porque o Pai Ubu fica perseguindo as pessoas e obrigando elas a se casar.

PAI UBU Rasga-finanças, corno da minha pança, senhora financista, eu tenho zoreia pra falar e você uma boca pra escutar. *Gargalhadas* Ou, melhor, não! Você só me confunde e me faz ficar idiotra! Cheira meu chifre. *Entra um mensageiro* E então, paspalhão? Dá o fora, nojento, ou de gorjeta te dou um descolamento e uma torsão da perna.

MÃE UBU Ele foi embora, mas deixou uma carta.

PAI UBU Lê pra mim. Acho que eu tô perdendo o juízo, ou então não sei ler. Vai logo, bocoronga, deve ser do Bostadura.

MÃE UBU Acertou em cheio. Tá dizendo que foi muito bem acolhido pelo czar, mas que o czar vai invadir seu território pra reempossar o Bugrelau e você vai ser morto.

PAI UBU Ai, ai! Tô com medo! Tô com medo! Acho que vou morrer. Sou um pobre coitado. O que vai ser de mim, meu Pai Eterno? Esse malvado vai me matar. Santo Antônio e todos os santos, me protejam, juro dar umas finanças e queimar umas velas pra vocês. Ó Senhor, o que vai ser de mim? *Ele chora, soluçando*

MÃE UBU Só te resta uma alternativa.

PAI UBU Qual, meu amor?

MÃE UBU Declarar uma guerra!

TODOS Graças a Deus! Uma atitude nobre!

PAI UBU É, e quem vai continuar apanhando sou eu.

PRIMEIRO CONSELHEIRO Depressa, vamos organizar o exército.

SEGUNDO E estocar mantimentos.

TERCEIRO E preparar a artilharia e as fortalezas.

QUARTO E arrecadar dinheiro para as tropas.

PAI UBU Ah, nã, nã, nã, nã, não! Vou matar você. Não quero dar meu dinheiro. Só faltava essa! Antes eu era pago pra guerrear, agora querem fazer a guerra às minhas custas! Não! Pela minha vara verde, façamos uma guerra, já que vocês estão com raiva, mas sem gastar um centavo.

TODOS Viva a guerra!

CENA 8

Campo de batalha do lado de Varsóvia

SOLDADOS E CARALHEIROS Viva a Polônia! Viva o Pai Ubu!

PAI UBU Ah! Mãe Ubu, me passa a armadura e meu pedaço de pau. Vou acabar ficando tão carregado que se me perseguirem não vou conseguir nem andar.

MÃE UBU Afe, que covarde!

PAI UBU Ah! Cadê meu rasga-merdra que fugiu e o prende-finança que não prende?! Eu não vou dar conta, olha os russos chegando, eles vão me matar!

SOLDADO Senhor Ubu, a tesoura de cortar zoreia caiu!

PAI UBU Eu mato todo mundo aí com meu gancho-de-merdra e minha faca-de-cara.

MÃE UBU Olha que lindo, de capacete e armadura, parece uma abóbora armada.

PAI UBU Ah! Agora vou montar no cavalo. Tragam o cavalo-de-phynanças, senhores.

MÃE UBU Pai Ubu, esse cavalo não vai te aguentar. Já tem cinco dias que ele não come nada, tá quase morto.

PAI UBU Essa é boa! Me fazem pagar doze tostões por dia por esse pangaré e ele não consegue me carregar. Você tá pouco se lixando, cornuda, ou tá me roubando? *Mãe Ubu enrubesce e baixa os olhos* Então tragam outro animal, mas a pé eu não vou, chifre do bucho!

Trazem um cavalo enorme

PAI UBU Vou montar nele. Opa! Melhor eu sentar direito, tô caindo. *O cavalo anda* Ah! Parem este bicho! Deus todo poderoso, vou cair e morrer!

MÃE UBU É um imbecil mesmo. Pronto, conseguiu. Ih, caiu de novo.

PAI UBU Corno de merdra, tô quase morto! Mas tudo bem, tô indo pra guerra, vou matar todo mundo. Ai de quem não marchar direito! Empacoto tudo, com torsão do nariz e dos dentes e extração da língua.

MÃE UBU Boa sorte, senhor Ubu.

PAI UBU Quase esqueci de dizer que tô com o livro das finanças, pior pra você se estiver me roubando. O Girão vai ficar pra te ajudar. Adeus, Mãe Ubu!

MÃE UBU Adeus, Pai Ubu. Mata o czar direitinho.

PAI UBU Com certeza. Torsão do nariz e dos dentes, extração da língua e enfiada do bastãozinho nas zoreias.

O exército se afasta ao som das fanfarras

MÃE UBU *sozinha* Agora que esse bobo alegre foi embora, vamos ao que importa: matar Bugrelau e pegar o tesouro.

AtO 4

CENA 1

Cripta dos antigos reis da Polônia na catedral de Varsóvia

MÃE UBU Cadê o tesouro? Nenhuma dessas lajes parece oca. Mas eu contei certinho, treze pedras depois do túmulo de Ladislau, o Grande, ao longo da parede. Não tem nada. Só podem ter me enganado. Mas ora, não é que aqui a pedra parece oca? Mãos à obra, Mãe Ubu. Chega de frescura, vamos soltar esta pedra. Tá duro. Vamos pegar esse quebra-finanças pra ver se ainda serve pra alguma coisa. Pronto! Olha só o ouro no meio dos ossos do rei. Pra minha sacola, já, já, tudo! Opa! Que barulho é esse? Tem alguém vivo aqui nesta catacumba? Não deve ser nada, vamos logo, vamos pegar tudo. Esse dinheiro vai ficar muito melhor na luz do dia do que no meio dos túmulos de príncipes que já se foram. Vamos botar a pedra no lugar. O quê!? Ainda esse barulho... Lugares assim me dão um medo estranho. Vou pegar o resto do ouro outra vez, volto amanhã.

UMA VOZ *saída do túmulo de João Sigismundo* Jamais, Mãe Ubu!
Mãe Ubu foge pela porta secreta, apavorada, levando o ouro roubado

CENA 2

Praça de Varsóvia

Bugrelau e seus seguidores, povo e soldados

Em seguida guardas, Mãe Ubu, Girão

BUGRELAU Avante, amigos! Viva Venceslau e a Polônia! O patife do Pai Ubu já foi, agora só resta a bruxa da Mãe Ubu com seu fiel caralheiro. Eu me ofereço pra tomar a dianteira e reempossar a estirpe dos meus pais.

TODOS Viva Bugrelau!

BUGRELAU E anularemos todos os impostos criados pelo horrível Pai Ubu.

TODOS Viva! Avante! Vamos para o palácio massacrar essa corja!

BUGRELAU Opa! Se não é a Mãe Ubu saindo com seus guardas pela escadaria!

MÃE UBU O que vocês querem, senhores? Ah, é o Bugrelau.

A multidão atira pedras

PRIMEIRO GUARDA As janelas estão todas quebradas!

SEGUNDO GUARDA Meu são Jorge, fui atingido.

TERCEIRO GUARDA Corno de Deus, tô morrendo.

BUGRELAU Atirem as pedras, meus amigos!

O CARALHEIRO GIRÃO Ah, é assim? *Saca a arma e provoca uma carnificina assustadora*

BUGRELAU Agora é comigo! Luta, seu covarde.

Eles lutam

GIRÃO Estou morto!

BUGRELAU Vitória, companheiros! Abaixo Mãe Ubu!

Trompetes soam ao longe

BUGRELAU Ah! São os nobres chegando. Depressa, temos que alcançar a megera!

TODOS Isso enquanto a gente não estrangula aquele bandido!
Mãe Ubu foge e é perseguida pelos poloneses. Tiros de fuzil e chuva de pedras

CENA 3

O exército polonês marcha na Ucrânia

PAI UBU Corno de Deus, perna do pai, cabeça de boi! Vou sucumbir, estou morrendo de sede e de sono. Senhor soldado, faça a gentileza de segurar meu capacete de finanças. Senhor lanceiro, encarregue-se da tesoura de merdra e do bastão de física para aliviar a minha pessoa, porque, como eu disse, estou cansado.

Os soldados obedecem

PILA Ei, ô! Seu moço! Não é esquisito que os russos tenham sumido?

PAI UBU É lamentável que o estado das nossas finanças não nos permita ter um veículo à nossa altura, porque, por medo de demolir minha montaria, fiz o caminho todo a pé, puxando o cavalo pela rédea. Mas quando eu voltar pra Polônia, vamos inventar, graças a nosso conhecimento de física e com a ajuda dos nossos conselheiros, uma viatura movida a vento para transportar todo o exército.

COTICA Olha o Nicolas Rensky chegando.

PAI UBU E o que tem esse rapaz?

RENSKY Tudo está perdido, Majestade, os poloneses estão revoltados. Girão foi morto e a Mãe Ubu fugiu para as montanhas.

PAI UBU Pássaro agourento, besta desgraçada, coruja de polainas! De onde tirou tanta besteira? Era só o que me faltava! E quem foi que fez isso? Aposto que foi o Bugrelau. De onde você vem?

RENSKY De Varsóvia, senhor.

PAI UBU Moleque de merdra, se eu acreditasse em você ia dar meia-volta com o exército inteiro. Mas, senhor moleque, você tem mais pluma nos ombros do que cérebro na cabeça, e acabou imaginando essa bobagem. Vai pra linha de frente, menino, os russos estão chegando e vamos precisar lutar com todas as armas: as de merdra, as de finanças e as de física.

GENERAL LASCY Pai Ubu, o senhor não está vendo os russos na planície?

PAI UBU Verdade, os russos! Agora ferrou bonito. Se a gente tivesse como dar o fora, mas não, a gente tá no alto, bem na

mira do inimigo.

EXÉRCITO Os russos! Inimigo à vista!

PAI UBU Senhores, vamos nos preparar pra batalha. Vamos ficar na colina sem cometer o erro de descer daqui. Vou ficar no meio como cidadela humana e vocês devem gravitar em volta de mim. Recomendo que carreguem os fuzis com o máximo de balas que conseguirem, porque oito balas podem matar oito russos, e são oito tiros que eu vou deixar de tomar nas costas. Vou mandar a infantaria a pé pra baixo da colina pra receber os russos e matar um pouco dessa raça, os cavaleiros atrás pra se jogarem na confusão e a artilharia em volta do moinho pra atirar no bololô. Quanto a nós, podemos nos esconder dentro do moinho e ficar atirando com a pistola-de-finanças pela janela. Trancamos a porta com o bastão de finança e se alguém tentar entrar, vai tomar gancho-de-merdra na cabeça!

OFICIAIS Suas ordens serão executadas, senhor Ubu.

PAI UBU Opa! Vai dar certo, vamos vencer. Que horas são?

GENERAL LASCY Onze da manhã.

PAI UBU Então vamos comer, porque os russos não vão atacar antes do meio-dia. Diga aos soldados, senhor general, que façam suas necessidades e cantem o Hino das Finanças.

Lascy sai

SOLDADOS E CARALHEIROS Viva o Pai Ubu, nosso grande financista! Ting, ting, ting; ting, ting, ting; ting, ting, tating!

PAI UBU Ai, essa gente varonil, como gosto deles. *Uma bala russa atinge a pá do moinho e a quebra* Ah! Tô com medo, meu Deus, vou morrer! Se bem que não, tô bem.

CENA 4

Os mesmos, um capitão. Em seguida, o exército russo

CAPITÃO *chegando* Senhor Ubu, os russos estão atacando.

PAI UBU E daí, o que você quer que eu faça? Não fui eu que mandei eles atacarem. Enquanto isso, senhores das finanças,

vamos nos preparar para o combate.

GENERAL LASCY Outra bala.

PAI UBU Ah! Não aguento mais. Aqui tá chovendo ferro e chumbo e pode acabar prejudicando minha preciosa pessoa. Vamos descer! *Todos descem correndo. A batalha começou. Eles desaparecem sob a fumaça ao pé da colina*

RUSSO *atacando* Por Deus e pelo czar!

RENSKY Ah! Morri.

PAI UBU Avante! Ah, você aí, senhor, vou te pegar! Você me machucou, entendeu? Beberrão! Com essa arminha que nem atira.

RUSSO Ah, é? Toma isso, então. *Atira*

PAI UBU Ai! Ui! Estou ferido, furado, ferrado, atravessado, arrombado. Ah, mas olha aqui! Arrá! Peguei. *Acaba com ele* Pronto! Quero ver você tentar de novo!

GENERAL LASCY Avante, força, pessoal! Vamos atravessar o fosso, a vitória é nossa!

PAI UBU Você acha? Até agora, sinto na testa vários galos e nenhum louro.

CAVALEIROS RUSSOS Abram alas para o czar!

O czar chega seguido de Bostadura disfarçado

UM POLONÊS Ah! meu senhor, salve-se quem puder, o czar chegou!

OUTRO Ah! Meu Deus! Ele está atravessando o fosso!

OUTRO Pif! Paf! Esse tenente estrúpido já destroçou mais quatro!

BOSTADURA Ah! Ainda não acabou pra vocês? Toma aqui, Jean Sobiesky, o que você merece! *Ele o abate* Agora os outros! *Massacra os poloneses*

PAI UBU Avante, meus amigos! Peguem esse pelintra! Façam geleia de moscovita! A vitória é nossa! Viva a Águia Vermelha!

TODOS Avante! Urra! Pé-de-Deus! Peguem o estrúpido!

BOSTADURA Meu são Jorge, caí no chão.

PAI UBU *reconhecendo-o* Ah, é você, Bostadura! Ah, meu amigo. Fico feliz, eu e todos nós, de te reencontrar! Vou te cozinhar em fogo baixo! Senhores das finanças, abram fogo! Ai! Ui! Ai! Morri.

Fui atingido por um tiro de canhão, no mínimo. Ah, meu Deus!
Perdoai meus pecados. Foi, sim, um tiro de canhão.

BOSTADURA Era uma pistola de pólvora seca.

PAI UBU Ah! E ainda me sacaneia! Já era! *Parte pra cima dele e o estraçalha*

GENERAL LASCY Pai Ubu, estamos avançando em toda a linha.

PAI UBU Tô vendo, não aguento mais, tomei um monte de pontapés, eu quero sentar no chão! Ah! Minha garrafa.

GENERAL LASCY Toma a do czar, Pai Ubu.

PAI UBU Opa! Só se for agora. Vamos! Faz teu trabalho, rasga-merdra, e você, prendre-finança, não fica pra trás. Que o bastão da física trabalhe com um impulso generoso e que o toco de madeira tenha a honra de massacrar, destruir e explorar o imperador moscovita. Avante, senhor cavalo-de-phynanças! *Ele se atira sobre o czar*

SOLDADO RUSSO Cuidado, Majestade!

PAI UBU Você, toma isso! Ui! Ai! Ah! Até que não. Ai! Senhor, desculpa, me deixa em paz. Ah! Eu não fiz de propósito!

Ele foge. O czar o persegue

PAI UBU Virgem santa, esse enfezado tá me perseguindo! O que foi que fiz, meu Todo Grandioso! Ah! Bom, ainda tem que atravessar o fosso. Mas não é que ele tá atrás de mim e o fosso na frente? Coragem. Vou fechar os olhos!

Ele salta, atravessando o fosso. O czar cai

CZAR Pronto, caí aqui dentro.

POLONESES Viva! O czar caiu!

PAI UBU Ah! Não vou nem olhar pra trás. Ele caiu! Bem feito, vai apanhar. Vamos, poloneses, com a força toda, ele tem as costas largas, o canalha! Não consigo nem olhar pra ele. E no entanto minha previsão se realizou, o bastão da física fez maravilhas e eu o teria matado, sem dúvida, não fosse um pavor inexplicável que combateu e anulou todos os efeitos da minha coragem. Mas tive que dar no pé de repente, e devo minha salvação não só a meu histórico de cavaleiro, mas também à solidez das panturrilhas do meu cavalo-de-phynanças, famoso pela leveza, cuja rapidez só é comparável à sua estabilidade. Também

agradeço à profundidade do poço que veio a calhar sob os passos do inimigo deste que vos fala, o Mestre das Finanças. Tudo isso é muito bonito, mas não tem ninguém prestando atenção. Vamos lá! Pronto, já recomeçou!

Os dragões russos atacam e salvam o czar

GENERAL LASCY Desta vez, é a debandada.

PAI UBU Ah! Hora de dar no pé. Então, senhores poloneses, avante! Quer dizer, pra trás!

POLONESES Salve-se quem puder!

PAI UBU Vamos! Retirada! Quanta gente, que fuga, que multidão, como é que vou sair deste alvoroço? *É empurrado* Ei, você! Toma cuidado senão vai logo conhecer o fervoroso valor do Mestre das Finanças. Ah, foi embora! Vou é fugir, agorinha, enquanto o Lascy não vê. *Ele sai. Em seguida, vemos o czar e o exército russo perseguindo os poloneses*

CENA 5

Uma caverna na Lituânia. Neva

Pai Ubu, Pila, Cotica

PAI UBU Ah! Que frio do cão, tá um gelo de rachar, e o Mestre das Finanças ficou com sua pessoa prejudicada.

PILA Ei! Seu Ubu, o senhor se recuperou de seu pavor e da sua fuga?

PAI UBU Sim! Não sinto mais medo, mas continuo com a fuga.

COTICA *aparte* É um suíno.

PAI UBU Ei! Senhor Cotica, suas zoreia, como é que estão?

COTICA Muito bem, moço, no sentido que tá horrível. Por consequência de que o chumbo puxa elas pra baixo, e eu não consegui arrancar a bala.

PAI UBU Olha, bem feito! Você também, sempre querendo bater em todo mundo. Já eu me revelei alguém de muito valor, sem me

expor, massacrei quatro inimigos com minhas próprias mãos, sem contar os que já tinham morrido e que eu acabei de matar.

COTICA Você sabe o que aconteceu com o pequeno Rensky, Pila?

PILA Tomou uma bala na cabeça.

PAI UBU Assim como, à flor da idade, a papoula e o dente-de-leão são ceifados pela foice inclemente do ceifador inclemente que ceifa inclementemente sua cabecinha clemente – assim o pequeno Rensky foi a papoula. Ele lutou bravamente, mas infelizmente tinha russo demasiadamente.

PILA E COTICA Ui, moço!

UM ECO Rrrrr!

PILA O que é isso? Vamos pegar as lambedeiras!

PAI UBU Ah, não! Só faltava essa. Aposto que são os russos, de novo. Tô cheio deles. Agora é simples, se eles me pegam, meto geral no bolso.

CENA 6

Os mesmos. Entra um urso

COTICA Ai, Moço da Finança!

PAI UBU Ih, olha o totozinho. Que fofo!

PILA Cuidado! Nossa, que urso enorme! Cadê minha cartucheira?

PAI UBU Um urso! Que animal horrendo. Ah, pobre de mim, vou ser comido. Deus me proteja. Ele tá vindo. Não, pegou o Cotica. Antes ele do que eu! *O urso se atira sobre Cotica. Pila o ataca a golpes de faca. Ubu se refugia em cima de uma pedra*

COTICA Me ajuda, Pila! Me ajuda! Socorro, seu Ubu!

PAI UBU Necas de pitibiriba! Se vira, meu amigo, que agora eu tô rezando um pai-nosso. Cada um tem sua hora e sua vez de ser comido.

PILA Consegui, tá seguro!

COTICA Firme, amigo, ele tá começando a me soltar.

PAI UBU Santificado seja o vosso nome.

COTICA Patife! Covarde!

PILA Ai! Ele me mordeu! Ó Senhor, salvai-me, vou morrer.

PAI UBU Seja feita a vossa vontade.

COTICA Ah! Consegui ferir o bicho.

PILA Viva! Ele tá perdendo sangue. *Em meio aos gritos dos caralheiros, o urso berra de dor e Ubu continua a resmungar*

COTICA Segura firme, vou pegar meu soco explosivo.

PAI UBU O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

PILA Conseguiu? Não tô mais aguentando.

PAI UBU Assim como perdoamos aos nossos devedores.

COTICA Ah! Pronto. *Ouve-se uma explosão e o urso cai*

PILA E COTICA Vitória!

PAI UBU Livrai-nos de todo mal. Amém. E aí, ele já virou presunto? Posso descer?

PILA *com desprezo* Quando quiser.

PAI UBU *descendo* Vocês podem se orgulhar porque, se ainda estão vivos, pisando na neve da Lituânia, é graças à virtude magnânima do Mestre das Finanças, que se empenhou, se esfolou, se esfalfou de tanto recitar o pai-nosso pra salvar vocês, e que manejou, com tanta coragem, o gládio espiritual da oração, que fez vocês conseguirem manejar com destreza o temporal soco explosivo do aqui presente caralheiro Cotica. Fui tão longe na minha devoção que não hesitei em subir no alto de uma pedra para que minhas orações chegassem mais rápido até o céu.

PILA É um jumento asqueroso!

PAI UBU Olha só que bicho grande. Graças a mim, vocês têm o que comer. Que barriga, senhores! Os gregos teriam ficado mais à vontade aí dentro do que no cavalo de madeira e foi por pouco, meus amigos, que a gente não foi verificar pessoalmente esse espaço interno.

PILA Tô verde de fome. O que vamos comer?

COTICA O urso!

PAI UBU Ah, seus infelizes, vão comer ele cru? Não temos nada pra fazer uma fogueira.

PILA A gente não tem as pederneiras?

PAI UBU Boa! E parece que aqui perto tem um bosque onde deve ter uns galhos secos. Vai lá procurar, senhor Cotica. *Cotica se afasta na neve*

PILA E agora, o senhor Ubu pode começar a esfolar o bicho.

PAI UBU Ah, não! Talvez ele não esteja morto. Melhor você, que já tá meio comido e mordido de todos os lados, combina mais com você. Vou acendendo o fogo enquanto ele não traz a lenha. *Pila começa a esfolar o urso*

PAI UBU Ai! Toma cuidado! Ele se mexeu.

PILA Mas senhor Ubu, ele já está frio.

PAI UBU Que pena, deve ser mais gostoso quente. Isso vai dar uma indigestão no Mestre das Finanças.

PILA *aparte* É revoltante. *Alto* Me ajuda um pouco, senhor Ubu, não dou conta de tudo.

PAI UBU Eu não, não quero fazer nada! Tô cansado demais!

COTICA *voltando* Que neve, meus amigos, parece até Castilha ou o Polo Norte. A noite tá caindo. Daqui a pouco vai ficar escuro. Depressa, enquanto a gente ainda consegue enxergar.

PAI UBU Ouviu, Pila? Depressa! Depressa, os dois. Espetem o bicho, assem o bicho, eu tô com fome!

PILA Ah, isso já é demais! Quem não trabalha, não come, entendeu, fominha?

PAI UBU Pra mim dá no mesmo, posso comer ele cru, vocês que vão se ferrar. E eu também tô com sono!

COTICA Não tem jeito, Pila. Vamos fazer o jantar sozinhos. E ele não vai comer e pronto. Ou então a gente dá os ossos pra ele.

PILA Tá bom. Ah, olha, o fogo pegando.

PAI UBU Ah, que bom, agora tá quente. Mas eu estou vendo russos por toda parte. Que fuga, meu Deus! Ah! *Cai no sono*

COTICA Queria saber se o que Rensky dizia é verdade, se a Mãe Ubu foi mesmo deposta. Não acho improvável.

PILA Vamos acabar de preparar a janta.

COTICA Temos que discutir coisas importantes. Acho que a gente tem que entender se essas notícias são verdadeiras.

PILA Pode crer. A gente abandona o Pai Ubu ou fica com ele?

COTICA A noite é boa conselheira. Vamos dormir, amanhã a gente vê o que fazer.

PILA Não, é melhor aproveitar a noite pra dar o fora.

COTICA Vamos, então.

Eles partem

CENA 7

PAI UBU *fala dormindo* Ah! Senhor dragão russo, cuidado, não atira aqui que tem gente. Ah! Olha o Bostadura, que malvado, parece um urso. E o Bugrelau vindo na minha direção. O urso, o urso! Ah! Caiu! Foi um parto, meu Deus! Eu não quero fazer nada! Sai daqui, Bugrelau! Tá ouvindo, seu palhaço? Agora é o Rensky, e o czar! Ah, eles vão me bater. E a Mãebu. Onde é que você arrumou esse ouro? Você pegou meu ouro, infeliz, foi fuxicar o meu túmulo na catedral de Varsóvia, perto da Lua. Já morri há muito tempo, foi o Bugrelau que me matou e eu tô enterrado perto do Vladislau, o Grande, e também em Cracóvia, perto do João Sigismundo, e também em Torun na catacumba com o Bostadura! Ali ele de novo. Some logo daqui, urso maldito. Tá parecendo o Bostadura. Tá ouvindo, animal de Satã? Não, não ouve nada, os escrotinhos cortaram as zoreia dele. Arranca o cérebro, estraçalha, corta as zoreia, arranca as finanças e bebe até morrer, é a vida dos escrotinhos, é a felicidade do Mestre das Finanças. *Cala-se e adormece*

AtO 5

CENA 1

Noite. Pai Ubu dorme. Mãe Ubu entra, mas não o vê. Breu total

MÃE UBU Até que enfim consegui abrigo. Sozinha, o que é ótimo, mas que jornada desenfreada, atravessar a Polônia inteira em quatro dias! Todas as desgraças caíram sobre mim de uma vez só. Assim que aquele jumento gordo foi embora, fui me enriquecer na cripta. Logo depois fui quase linchada por Bugrelau e sua corja raivosa. Perdi meu caralheiro Girão, que estava tão apaixonado por meus atributos que desmaiava só de me ver, e até mesmo, segundo me contaram, sem me ver, o que é o cúmulo da paixão. Pobrezinho, seria capaz de se cortar ao meio por mim. A prova é que foi cortado em quatro por Bugrelau. Pif paf pum! Pensei que eu fosse morrer. Então consegui fugir, perseguida por uma multidão furiosa. Deixei o palácio, cheguei ao Vístula, todas as pontes estavam vigiadas. Atravessei o rio a nado, na esperança de cansar meus perseguidores. De todos os lados, a nobreza se unia e me perseguia. Quase morro mil vezes, infiltrada num grupo de poloneses doidos pra acabar comigo. Consigo burlar a fúria deles, e depois de quatro dias percorrendo a neve do que já foi meu reino, chego aqui pra me refugiar. Não como nem bebo há quatro dias, Bugrelau na minha cola... Enfim, estou salva. Ah! Estou morta de cansaço e de frio. Mas bem que eu gostaria de saber o que aconteceu com aquele polichinelo gordo, quer dizer, com meu respeitável esposo. O que eu tirei de finança dele não foi pouco. O que eu roubei de rixdales. O que eu mamei naquelas tetas. E seu cavalo-de-phynanças morrendo de fome: não via ração fazia dias, o infeliz. Ah, que história boa. Mas infelizmente perdi meu tesouro! Ficou em Varsóvia, pra quem quiser encontrar.

PAI UBU *começando a acordar* Peguem a Mãe Ubu, cortem suas zoreia!

MÃE UBU Ah! Deus! Onde estou? Enlouqueci de vez. Ah! Não, Senhor!

Graças aos Céus eu vislumbro

O senhor Pai Ubu em seu sono profundo.

Vou fazer a boazinha. E aí, amoreco, dormiu bem?

PAI UBU Muito mal! Esse urso tava duro demais! Combate dos vorazes contra os tenazes, mas os vorazes comeram e devoraram os tenazes inteirinhos, como vocês vão ver quando amanhecer, entenderam, caralheiros?

MÃE UBU O que é que ele tá resmungando? Ficou ainda mais estrúpido do que quando foi embora. Com quem ele tá falando?

PAI UBU Cotica, Pila, me respondam, sacos de merdra! Cadê vocês? Ah! Tô com medo. Mas alguém falou alguma coisa. Quem falou? Não foi o urso, espero. Merdra! Cadê meus fósforos? Ah! Perdi na batalha.

MÃE UBU *aparte* Vamos aproveitar essa situação e o escuro, simular uma aparição sobrenatural e fazer ele prometer que vai perdoar minhas ladroagens.

PAI UBU Por santo Antônio! Alguém tá falando. Pé-de-Deus! Raios me partam!

MÃE UBU *engrossando a voz* Sim, senhor Ubu, alguém realmente tá falando, e a trombeta do arcanjo que ergue os mortos da cinza e da poeira final não falaria de outra maneira! Ouça esta voz grave. É a voz de São Gabriel, que só pode dar bons conselhos.

PAI UBU Ai! Olha só!

MÃE UBU Não me interrompa senão vou me calar e adeus à sua buzanfa!

PAI UBU Ah! Meu bucho! Vou ficar quieto, não digo mais nada. Continue, madame Aparição!

MÃE UBU Como eu ia dizendo, senhor Ubu, o senhor é um grande homem!

PAI UBU Grande eu sou mesmo, pros lados.

MÃE UBU Cala a boca, diacho!

PAI UBU Ui! Nunca vi um anjo xingar.

MÃE UBU *aparte* Merdra! *Continuando* O senhor é casado, senhor Ubu.

PAI UBU Perfeitamente, com a pior das bruacas.

MÃE UBU O senhor quer dizer que é uma mulher encantadora.

PAI UBU Um horror. Tem tantas garras pelo corpo que não tem por onde segurar.

MÃE UBU Tem que segurá-la pela doçura, senhor Ubu, e se o senhor a pegar assim, verá que ela se iguala à Vênus de Cápuia.

PAI UBU Quem é que tem caspa?

MÃE UBU O senhor não está ouvindo, senhor Ubu, preste mais atenção. *Aparte* Depressa, o dia tá nascendo. *Continuando* Senhor Ubu, sua mulher é adorável, deliciosa, sem defeitos.

PAI UBU A senhora tá enganada, não tem um defeito que ela não tenha.

MÃE UBU Silêncio! Sua mulher não cometeu nenhuma infidelidade!

PAI UBU Queria saber quem é que ia querer alguma coisa com ela. É um gambá!

MÃE UBU Ela não bebe!

PAI UBU Não, desde que eu peguei a chave da adega. Senão ela já estaria bêbada às sete da manhã, cheirando à cachaça. Agora que usa perfume, não tá fedendo tanto. Dá no mesmo. Mas agora quem fica bêbado sou eu!

MÃE UBU Que figura lamentável! Sua mulher não rouba de você.

PAI UBU Não? Que piada!

MÃE UBU Ela não desviou um centavo!

PAI UBU Que sirva de testemunho o coitado do meu nobre cavalo-de-phynanças que, sem ser alimentado durante três meses, teve que atravessar todo o interior da Ucrânia puxado pelas rédeas. Tanto que morreu no caminho, pobre animal!

MÃE UBU Tudo isso são mentiras, sua mulher é exemplar e o senhor está se revelando um verdadeiro monstro!

PAI UBU Tudo isso são verdades, minha mulher é uma safada e você tá se revelando uma verdadeira pamonha.

MÃE UBU Cuidado, Pai Ubu.

PAI UBU Ah! É verdade, esqueci com quem eu estava falando.
Não, eu não disse isso!

MÃE UBU Você matou Venceslau.

PAI UBU Não é culpa minha, é claro. Foi a Mãe Ubu que quis.

MÃE UBU Você mandou matar Boleslau e Ladislau.

PAI UBU Pior pra eles! Eles queriam me bater!

MÃE UBU Você não cumpriu sua promessa pro Bostadura e em seguida o assassinou.

PAI UBU Prefiro que seja eu do que ele governando a Lituânia. Por enquanto não sou nem eu nem ele. Isso prova que não foi culpa minha.

MÃE UBU Só tem uma maneira de conseguir o perdão por todos os seus pecados.

PAI UBU Qual? Estou disposto a me tornar um homem santo, quero virar padre e ver meu nome no calendário da Igreja.

MÃE UBU O senhor precisa perdoar a Mãe Ubu por ter desviado um pouco de dinheiro.

PAI UBU Ih, pronto! Vou perdoar quando ela me devolver tudo, apanhar bastante e ressuscitar meu cavalo-de-phynanças.

MÃE UBU *aparte* Ele encanou com o cavalo! Ah, estou perdida, amanheceu.

PAI UBU Enfim, fico contente de saber que minha cara esposa me roubava de verdade. De fonte confiável. *Omnis a Deo scientia*, o que quer dizer: Toda ciência vem de Deus. Taí a explicação do fenômeno. Mas a madame Aparição parou de falar. O que eu posso oferecer pra ela se animar de novo? Até que estava bem divertido. Mas não é que o dia já nasceu! Ah, Senhor, pelo meu cavalo-de-phynanças, é a Mãe Ubu!

MÃE UBU *insolente* Não é verdade, vou te excomungar!

PAI UBU Ah! Sua carniceira!

MÃE UBU Que blasfêmia!

PAI UBU Chega! Eu tô vendo que é você, sua bruaca estrúpida! O que é que você tá fazendo aqui?

MÃE UBU Girão morreu e os poloneses me expulsaram.

PAI UBU Já eu, foram os russos que me expulsaram: duas mentes brilhantes se reencontram.

MÃE UBU Ou melhor, uma mente brilhante encontra um jumento!

PAI UBU Ah, então, agora vai encontrar um palmípede. *Ubu joga o urso em cima dela*

MÃE UBU *caindo sob o peso do urso* Ah! Meu Deus! Que horror! Vou morrer! Estou sem ar! Ele tá me mordendo! Me engolindo! Me digerindo!

PAI UBU Ele tá morto! Palhaça. Ih! Mas se bem que, talvez não! Ah! Senhor, não, ele não morreu! Vamos fugir! *Subindo na pedra* Pai nosso que estais...

MÃE UBU *se desvencilhando* Ué, cadê ele?

PAI UBU Ah! Senhor! Ela ainda está aí! Criatura estrúpida, não consigo me livrar dela. O urso tá morto?

MÃE UBU Tá sim, seu jumento idiota, tá gelado. Como é que ele veio parar aqui?

PAI UBU *confuso* Não sei. Ah! Sei sim! Ele quis comer o Pila e o Cotica e eu matei ele a golpes de pai-nosso.

MÃE UBU Pila, Cotica, pai-nosso. O que é isso? Ele tá doido!

PAI UBU Está corretíssimo o que eu estou falando! Você que é idiotra, buchona.

MÃE UBU Me conta das suas batalhas, Pai Ubu.

PAI UBU Ah, não, mulher! É uma história longa. Tudo que eu sei é que apesar da minha valentia incontestável, todo mundo me venceu.

MÃE UBU Como? Até os poloneses?

PAI UBU Eles gritavam: “Viva Venceslau e Bugrelau”. Pensei que iam me esquartejar! Enlouquecidos! E depois mataram o Rensky!

MÃE UBU Caguei! Você soube que o Bugrelau matou o caralheiro Girão?

PAI UBU Caguei! E depois eles mataram o pobre Lascy!

MÃE UBU Caguei!

PAI UBU Ah, pelo menos vem aqui, carniça! Ajoelha diante do seu mestre. *Ele a agarra e a põe de joelhos* Agora é teu suplício derradeiro.

MÃE UBU Ha, ha, senhor Ubu!

PAI UBU Ha, ha, o quê? Já acabou? Vou começar pela torsão do nariz, arrancamento de cabelo, penetração do bastãozinho na zoreia, extração do cérebro pelos calcanhares, laceração do posterior, supressão parcial ou total da medula espinhal (se ao menos isso removesse as espinhas do caráter), sem esquecer a abertura da bexiga natatória e pra terminar o grande descolamento renovado de são João Batista, tudo isso tirado das Escrituras Santas, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, revisado, corrigido e aperfeiçoado pelo aqui presente Mestre das Finanças! Tá bom pra você, pamonha?

Ele parte pra cima dela

MÃE UBU Piedade, senhor Ubu!

Ouve-se um estrondo na entrada da caverna

CENA 2

Os mesmos

Bugrelau invade a caverna com seus soldados

BUGRELAU Avante, amigos! Viva a Polônia!

PAI UBU Opa, opa! Espera um pouco, polaco. Deixa eu primeiro acabar com minha cara-metade.

BUGRELAU *batendo nele* Toma isso, seu covarde, mundano, profano, muçulmano!

PAI UBU *revidando* Ah é? Toma, seu polonheiro, cachaceiro, carcereiro, pirangueiro, barbeiro, banheiro, puteiro, saleiro, bicheiro, baderneiro!

MÃE UBU *batendo nele também* Toma, então, seu porcalhão, ladrão, histrião, canastrão, molengão, polochão!

Os soldados atacam os Ubu, que se defendem como podem

PAI UBU Deus! Quantos!

MÃE UBU A gente tem braços, seus polacos!

PAI UBU Pela minha vara verde, vai acabar ou não vai, isso aí? Mais um! Ai, se eu tivesse meu cavalo-de-phynanças!

BUGRELAU Ataquem, continuem atacando!

VOZES LÁ FORA Viva o Pai Ubu, nosso grande financista!

PAI UBU Ah! Chegaram. Viva! Chegaram os Pais Ubus. Avante, venham, precisamos de vocês, senhores das finanças!

Entram os caralheiros e se jogam no meio da briga

COTICA Fora, poloneses!

PILA Hum! Voltamos a nos ver, Moço das Finanças. Avante, força, chega até a porta que lá fora é só fugir.

PAI UBU Ai, esse é meu forte, fugir. Ui, ele não para de bater.

BUGRELAU Deus! Estou ferido.

STANISLAU LECZINSKI Não é nada, senhor.

BUGRELAU É mesmo, só fiquei um pouco confuso.

JEAN SOBIESKI Ataquem, ataquem sem parar, eles estão chegando na porta, os miseráveis.

COTICA Estamos chegando perto, siga o pessoal. Por consequência disso que eu tô vendo o céu.

PILA Coragem, senhor Ubu.

PAI UBU Ai! Já fiz nas calças. Avante, corno de bucho! Matralhem, sangrem, esfolem, massacrem, chifre de Ubu! Ah! Tá diminuindo!

COTICA Só tem dois agora vigiando a porta.

PAI UBU *golpeando-os com o urso* E um, e dois! Ufa! Tô fora! Salve-se quem puder! Sigam-me, todos, rápido!

CENA 3

O palco representa a província de Livônia coberta de neve. Os Ubu e seu séquito em fuga

PAI UBU Ah! Acho que eles desistiram de pegar a gente.

MÃE UBU Sim, Bugrelau vai ser coroado.

PAI UBU Não tenho a menor inveja da coroa dele.

MÃE UBU Você tá certo, Pai Ubu.

Eles desaparecem ao longe

CENA 4

Um navio navega no Báltico. No convés, Pai Ubu e seu bando

COMANDANTE Ah! Que brisa boa.

PAI UBU É verdade que navegamos com uma rapidez prodigiosa. Estamos a um milhão de nós por hora, no mínimo, e esses nós são bons porque uma vez atados não se desfazem. Se bem que tem vento pra trás também.

PILA Chega a ser triste de tão imbecil.

Uma rajada faz o navio adernar e as ondas estourarem

PAI UBU Ai! Deus! Assim a gente vai naufragar. Ele tá indo todo torto, seu barco vai cair!

COMANDANTE Todo mundo a sotavento, amarrem a mezena!

PAI UBU Ai! Não, como assim? Todo mundo do mesmo lado? Meio imprudente, isso daí. Se o vento mudar de lado vai todo mundo cair no fundo do mar e os peixes vão comer a gente.

COMANDANTE Devagar, arreiem tudo!

PAI UBU Devagar, não, rápido! Ouviram? Tô com pressa. A culpa é sua, capitão boçal, se a gente tá devagar. Já era pra termos chegado. Olha, sou eu que vou comandar então! Proibição de afundar! Fé em Deus! Virar, cambar por davante, cambar em roda, agora virar de bordo. Icem as velas, hasteiem as velas, leme a barlavento, leme a sotavento. Tá vendo? Tá indo bem. Agora vai rasgando as ondas e vai ficar perfeito.

Todos riem. A brisa aumenta

COMANDANTE Arreiem a vela de proa, rizem o velacho!

PAI UBU Olha, gostei! “Eu quero essa da boa, até a raspa do tacho!” Ouviu, moço da tripulação?

Vários caem na gargalhada. Uma onda invade o convés

PAI UBU Eita! Que dilúvio! É o efeito das manobras que eu ordenei.

MÃE UBU E PILA Que coisa boa, a navegação.

Uma segunda onda invade o navio

PILA *encharcado* Cuidado com Satanás e suas tentações.

PAI UBU Seu garçom, faça o favor.

Todos sentam para beber

MÃE UBU Ah! Que alegria rever em breve a doce França, nossos velhos amigos e o castelo de Mondragão.

PAI UBU É! Tamos quase lá. Estamos chegando no castelo de Elsenhor.

PILA Fico animado com a ideia de rever minha querida Espanha.

COTICA Sim, e vamos encantar nossos compatriotas com relatos das nossas aventuras maravilhosas.

PAI UBU Isso, é claro! E eu vou me nomear Mestre das Finanças em Paris.

MÃE UBU É isso! Ai! Que chacoalhada!

COTICA Não é nada, acabamos de passar a ponta de Elsenhor.

PILA E agora nosso nobre navio corta a toda velocidade as ondas escuras do mar do Norte.

PAI UBU Mar bravio e arisco que banha o país dos germanos, chamados assim porque eles têm germes e são meus manos.

MÃE UBU É isso que eu chamo de erudição. Dizem que é um país muito bonito.

PAI UBU Ah, senhores! Por mais bonito que seja, não se compara à Polônia. Se não tivesse Polônia, não teria polonês!

Agora, como vocês prestaram atenção e se comportaram bem,
vamos cantar

Eu fui por um bom tempo o melhor marceneiro

A CANÇÃO DOS DESMIOLADOS

Ali no Champs de Mars, paróquia de Toussaint

Minha esposa modista ralava o dia inteiro

E nunca nos faltou pão nem maçã

Se o domingo nascia ensolarado

Era dia de ostentar o penteado

E a gente ia pro desmiolamento

Curtir um bom momento

A lá, a lá, a máquina a girar,

A lá, a lá, os miolo a saltar,

A lá, a lá, os rentista a fritar:

[CORO] *Olha o chifre no cu, viva o Pai Ubu!*

Nossos filhos amados, todos lambuzados,

Brincavam felizes com bonequinhos de papel

Entravam no carro depois do carrossel
E íamos todos pra rua do Escaldado
Saíamos correndo pela multidão
Dando umas porradas pra ficar bem na frente
E eu subia sempre no portão
Pra não sujar meus pés de sangue quente

A lá, a lá, a máquina a girar,

A lá, a lá, os miolo a saltar,

A lá, a lá, os rentista a fritar:

[CORO] *Viva, chifre no cu, viva o Pai Ubu!*

Logo minha esposa e eu melados de cérebro
Os filhotes pedindo um pedaço, todos ansiosos
Vendo o caralheiro levantar a lâmina célebre
E os feridos enfileirados, horrorosos
De repente vejo num canto
Perto da máquina, a cara de um maluco que não

[me é estranho]

Mermão, conheço a tua cara, você me roubou
Vou te assistir sem espanto

A lá, a lá, a máquina a girar,

A lá, a lá, os miolo a saltar,

A lá, a lá, os rentista a fritar:

[CORO] *Viva, chifre no cu, viva o Pai Ubu!*

De repente a minha esposa me puxa pela manga
Seu pamonha, ela diz, te faço uma aposta
Joga nesse cara esse monte de bosta
O caralheiro tá olhando pra trás, secando

[uma baranga]

Ouvindo a ideia da doida de pedra
Tomei coragem e lancei todo faceiro
Uma gigantesca merdra na cara do caralheiro
A lá, a lá, a máquina a girar,

*A lá, a lá, os miolo a saltar,
A lá, a lá, os rentista a fritar:*

[CORO] *Viva, chifre no cu, viva o Pai Ubu!*

No mesmo instante me jogam por cima da barreira
E a multidão enorme me empurra pra trás
Eu caio de cabeça por tomar uma rasteira

No buraco negro de onde não saio nunca mais.

Tá aí no que é que dá passear no domingo na

[rua do Escaldado

Pra ver o desmiolamento, enforcamento, mas

[o tormento

É que a gente sai vivo e volta matado

A lá, a lá, a máquina a girar,

A lá, a lá, os miolo a saltar,

A lá, a lá, os rentista a fritar:

[CORO] *Viva, chifre no cu, viva o Pai Ubu!*

FIM

NOTA DOS TRADUTORES
BÁRBARA DUVIVIER E GREGÓRIO
DUVIVIER

DISCURSO DE ALFRED JARRY

ALFRED JARRY APRESENTA
UBU REI

A CRIAÇÃO DO REIUBU
FIRMIN GÉMIER

O FALECIDO ALFRED JARRY
GUILLAUME APOLLINAIRE

HAPPENING UBU
OTTO MARIA CARPEAUX

TERROR UBUESCO
MICHEL FOUCAULT

NOTA DOS TRADUTORES

BÁRBARA DUVIVIER E GREGÓRIO DUVIVIER

Poucas vezes nos divertimos tanto com um trabalho de tradução – ou com qualquer trabalho. E olha que a peça reúne todos os piores pesadelos de um tradutor: uma multidão de trocadilhos coexistem com piadas crípticas, termos chulos e imagens absurdas – de tal modo que é difícil dizer se a palavra foi usada por causa da sua sonoridade, do seu sentido ou da imagem mental que ela provoca.

Ezra Pound separa a poesia em três tipos: a melopeia, aquela em que predomina o som em detrimento do sentido (*pirulito que bate-bate, pirulito que já bateu*), a fanopeia, poesia regida pelas imagens (como a de Li T'ai Po ou o haikai), e a logopeia, aquela em que predomina o sentido. Pound não esconde sua predileção pela logopeia: “a dança do intelecto entre as palavras”. A poesia, o teatro e o humor da modernidade se afastaram do som e da imagem, em detrimento da ideia. A rima caiu em desuso no poema. O trocadilho passou a ser malvisto do humor.

Jarry não tem qualquer tipo de preconceito: sua poesia e seu humor brincam com os sentidos, mas não abandonam a música das palavras. Significantes, volta e meia, significam mais do que o significado. Jarry adora neologismos: a realidade que inventa precisa de palavras novas. Pra isso, ele cruza expressões que nunca antes tinham se encontrado – e cria uma série de ornitorrincos memoráveis. Jambedieu, Jarnicotonbleu, Cornegidouille. Impossível dizer o que significam, a não ser que, aglomerando blasfêmias, criou novos palavrões, que soam ofensivos de uma maneira engraçada. A melopeia, afinal, é a

dimensão da poesia preferida pelas crianças. Jarry, mesmo que fosse um prodígio, ainda era um menino quando escreveu a peça. Traduzir neologismos implica inventar uma palavra que seja entendida mesmo quando ouvida pela primeira vez. A tradução precisa preservar não somente o sentido do termo mas também sua graça.

O termo *pallotin* é um dos seus mais célebres neologismos – entendido mais comumente como uma corruptela de paladino. A palavra foi traduzida, em versões anteriores, ora como “Palotino” ora como Paspalino. Em ambos os casos, se perde o palavrão. Pallotin, afinal, não é apenas uma corruptela de paladino, mas sua mistura com a palavra “*salaud*”, um xingamento pesado, uma das palavras proibidas num palco. Por isso, tendo em vista que cavalheiro e paladino são sinônimos, preferimos inventar uma palavra nova: caralheiro.

O mesmo fizemos ao traduzir o nome do capitão Bordure. Ao traduzir seu nome muitos optaram por mandar a palavra borda, usando Bordura. Mas borda não me parece, aqui, o essencial. Afinal, “*ordure*” é lixo, e trata-se de um nome que soa nobre mas causa risada por sua semelhança com “dejetos”. Por isso, optamos por capitão Bostadura.

Não cabe aqui dissertarmos sobre as opções que fizemos, mas assinalar que não desprezamos o som em detrimento do sentido. Entendemos que, pra Jarry, muitas vezes o som é o sentido. Falamos o texto algumas vezes em voz alta. A risada nos fez perceber que tínhamos encontrado.

Rejeitamos, no entanto, a tentação de trazer a peça pro momento atual. As semelhanças do humor escatológico de Ubu com a do atual desgovernante do Brasil já estão evidentes demais. No mais, os presidentes passarão. E a fuzarca proposta por Jarry tem sobrevivido aos séculos.

Temos ao nosso favor o fato de estarmos cercados de crianças de três anos. Nessa idade, as palavras ainda não perderam o encantamento, e o som é mais importante que a ideia. Nossos filhos e sobrinhos passam o dia brincando de inventar novos xingamentos, muitos envolvendo excrementos diversos, quando não apenas o mais puro *nonsense*. “Seu cocô”, diz um. Ao que outro retruca: “seu

cocô de meleca”. Não tendo pra onde ir, o terceiro então parte pro dadaísmo: “seu baga de buga de buga balaca”. Não quer dizer nada, mas todos morrem de rir. É a eles que dedicamos esta tradução: Valentim, Marieta, Nino, Tomé. Tomara que nunca parem de achar graça no som das palavras. E nunca parem de inventar palavrões.

DISCURSO DE ALFRED JARRY

PRONUNCIADO NA ESTREIA DE UBU REI, EM 10 DE DEZEMBRO DE 1896

Senhoras, senhores,

Seria supérfluo – para além do ridículo que é um autor falar sobre sua própria peça – eu vir aqui dizer algumas palavras antes da apresentação de *Ubu rei*, ainda mais depois de tantos notáveis terem tido a boa vontade de comentá-la. Agradeço, entre eles, assim como todos os outros, aos senhores Silvestre, Mendès, Scholl, Lorrain e Bauer, embora acredite que sua benevolência tenha visto na pança gorda do Ubu mais símbolos satíricos do que seríamos capazes de insuflá-la nesta noite.

O swedenborguiano doutor Misès comparou com excelência as obras rudimentares às mais perfeitas e os seres embrionários aos mais completos quando afirmou que às primeiras faltam todos os acidentes, protuberâncias e qualidades que geram uma forma esférica ou quase, como é o caso do óvulo e do senhor Ubu, enquanto aos segundos se adicionam tantos detalhes para torná-los pessoais que eles adquirem a mesma forma de esfera, por conta do axioma segundo o qual o corpo mais polido é aquele que contém maior número de asperezas. Portanto, sintam-se livres para ver no senhor Ubu as múltiplas alusões que desejarem, ou apenas um simples fantoche, a deformação feita por um garoto de um de seus

professores, que para ele representava todo o grotesco que há no mundo.

É esse aspecto que o Théâtre de L'Œuvre apresentará hoje. Alguns atores optaram por se tornar impessoais e atuar usando máscara por duas noites, a fim de incorporarem com exatidão o homem interior e a alma das grandes marionetes que vocês verão. Como a peça foi montada com alguma pressa, apesar da boa vontade envolvida, Ubu não teve tempo de usar sua verdadeira máscara, aliás muito incômoda, e seus comparsas estão, como ele, caracterizados de maneira aproximada. Era muito importante que tivéssemos, como um verdadeiro teatro de marionetes, uma música de feira, e a orquestração estava distribuída entre metais, gongos e clarins, que o tempo faltou para reunir. Não culpem demais o Théâtre de L'Œuvre: pretendíamos encarnar Ubu na maleabilidade do talento do senhor Gémier, e hoje e amanhã são as únicas noites que o M. Ginisty – e a interpretação de Villiers de L'Isle Adam – tiveram a liberdade de emprestá-lo. Vamos passar três atos decorados e mais dois também decorados graças a alguns cortes. Fiz todos os cortes que agradavam aos atores (mesmo alguns sendo indispensáveis ao sentido da peça) e mantive para eles algumas cenas que, por mim, teria cortado. Por mais marionetes que queiramos ser, não penduramos cada personagem por um fio, o que seria, senão absurdo, no mínimo muito complicado, e além disso não tínhamos certeza do conjunto do nosso público, enquanto no Guinhol¹ uma rede de cordas e fios comanda um exército inteiro. Preparem-se para ver personagens notáveis como o senhor Ubu e o czar forçados a caracolar frente a frente em cavalos de papelão (que passamos a noite pintando) a fim de preencher o palco. Pelo menos os três primeiros atos e as últimas cenas serão apresentados integralmente segundo o original. Por outro lado, teremos um cenário perfeitamente autêntico, pois assim como há métodos fáceis para se situar uma peça na eternidade, como atirar balas de revólver nos anos mil e tantos, vocês verão portas se abrirem para planícies nevadas sob um céu azul, chaminés ornadas de pêndulos se romperem para servir de portas e palmeiras verdejantes ao pé das camas para serem comidas por pequenos elefantes empoleirados nas estantes.

Quanto à orquestra que nos falta, sentiremos a ausência apenas de sua intensidade e do seu timbre, pois diversos pianos e timbales tocarão o tema de Ubu nos bastidores.

Já a ação, que vai começar, se passa na Polônia, isto é, em Lugar Nenhum.

ALFRED JARRY APRESENTA UBU REI

PUBLICADO NA BROCHURA DISTRIBUÍDA NO THÉÂTRE DE L'ŒUVRE AOS ESPECTADORES DA PEÇA

Após o prelúdio de uma música que só não tem menos metais do que uma fanfarra, exatamente o que os alemães chamam de “banda militar”, a cortina revela um cenário que pretende representar Lugar Nenhum, com árvores ao pé das camas, neve branca sob um céu bem azul e, ao mesmo tempo, a ação se passa na Polônia, país lendário e desmembrado o suficiente para ser esse Lugar Nenhum ou, ao menos, segundo uma verossímil etimologia franco-grega, um lugar interrogativo bem longe.²

Muito depois de a peça ter sido escrita, soubemos que houvera em tempos passados, no país onde o primeiro rei fora Pyast, homem rústico, um certo Rogatka ou Henrique da barriga imensa, que sucedeu ao rei Venceslau e a seus três filhos, Boleslau, Ladislau e um terceiro que não era Bugrelau, e que esse Venceslau, ou outro, era chamado de O Bêbado. Não achamos digno montar peças históricas.

Lugar Nenhum é qualquer lugar, principalmente o país onde nos encontramos. É por isso que Ubu fala francês. Mas seus vários

defeitos não exclusivamente são vícios franceses, favorecem também o capitão Bostadura, que fala inglês, a rainha Rosamunda, que fala com sotaque do Cantal, e a multidão polonesa, que fala anasalado e se veste de cinza. Se é possível reconhecer várias sátiras, o local da cena torna os intérpretes irresponsáveis.

Senhor Ubu é um ser odioso, razão pela qual ele parece (por baixo) com todos nós. Ele assassina o rei da Polônia (por atacar o tirano, o assassinato parece justo para algumas pessoas, uma espécie de ato de justiça) e, uma vez rei, massacra os nobres, os funcionários e os camponeses. Assim, depois de matar todo mundo, garante o expurgo de alguns culpados, e se apresenta como homem moral e normal. Enfim, como um anarquista, ele executa os próprios decretos, massacra as pessoas só porque gosta e pede para os soldados russos não atirarem nele só porque não gosta. É um pouco um menino mimado e ninguém o contradiz enquanto ele não toca no czar, que é quem todos respeitam. O czar faz justiça, retira-lhe o trono que ele usou tão mal, reempossa Bugrelau (precisava mesmo?) e expulsa o senhor Ubu da Polônia, com três partes de sua potência, resumidas na expressão: “Corno de bucho” (pela potência dos apetites inferiores).

Ubu costuma falar de três coisas, sempre paralelas em sua mente: a física, que é a natureza comparada com a arte, o mínimo de compreensão em oposição ao máximo de cerebralidade, a realidade do consentimento universal oposta à alucinação da inteligência, Don Juan a Platão, a vida ao pensamento, o ceticismo à crença, a medicina à alquimia, o exército ao duelo; – e, paralelamente, a finança, que são as honras diante da satisfação de si e somente para si, como produtores de literatura segundo o conceito do número universal diante da compreensão dos inteligentes; – e, paralelamente, a *Merdra*.

Talvez seja inútil expulsar o senhor Ubu da Polônia, que é, como já dissemos, Lugar Nenhum, pois se ele pode se comprazer primeiro com alguma inação de artista, como “acender o fogo esperando que alguém traga a lenha”, comandar tripulações de iate pelo Báltico, pode terminar sendo nomeado Mestre das Finanças em Paris.

Ele nos era menos indiferente naquele país longe-em-algum-lugar, onde, diante das máscaras de atores com talento suficiente

para ousarem se tornar impessoais, um público de alguns inteligentes concordou ser polonês por algumas horas.

A CRIAÇÃO DO REI UBU

FIRMIN GÉMIER

A estreia ocorreu em 10 de dezembro de 1896. O ensaio geral tinha sido na véspera. Foram, na ocasião, apenas duas apresentações. Na época eu estava na companhia Théâtre de L'Odéon; Lugné-Poe, o fundador da companhia, havia me pedido para desempenhar esse papel e dirigir a peça.³ Lembro que estávamos com pressa e não tivemos tempo de ensaiar. O único cenário era um salão virado às avessas, barroco, e tudo era deixado à imaginação do público. Um de nossos amigos, Tinbo, apelidado assim porque trabalhava no anuário *Bottin*, entrava com cartazes para situar as cenas.

Jarry havia insistido em abrir com uma apresentação para explicar a peça. Vestia uma roupa improvável: camisa branca com peitilho, gravata grande estilo *lavallière*, as mechas de cabelo caindo sobre a testa. Seu rosto estava todo branco de pó de arroz, ele parecia um Pierrot faminto. Tinha adotado o sotaque de Ubu, um sotaque das marionetes de Lyon, mas sob esse disfarce escondia muita emoção, muito nervosismo e timidez. O público não conseguiu ouvir uma palavra de toda a sua fala.

[...]

Ele era um rapaz moreno, jovem, que parecia ter trinta anos mas só tinha 23. Lembrava um pouco [René] Fauchois, com uma cabeça mais redonda. Um rapaz fascinante, que às vezes se rendia à arte de parecer cruel. Fazia piadas terríveis... O escritor Jean Lorrain fez inúmeras crônicas sobre Ubu, essa brincadeira de escola que abrange tantas coisas profundas. Isso enfurecia pessoas como o dramaturgo [Georges] Courteline. Você sabe qual é a primeira palavra da peça: ela foi bem recebida. A cena do jantar divertiu o

público. Todo mundo ria. Algumas risadas eram constrangidas, outras rendiam aplausos abertos, enfim, ria-se bastante. As cenas do mensageiro, da casa de Ubu, do palácio do rei, da cerimônia do exército, a do massacre, a da caverna com a aparição das sombras, a dos nobres e financistas na grande sala do palácio foram muito bem, isto é, na medida do possível. Mas a hostilidade estourou de uma vez na cena que se passa nas catacumbas de Torun. Você lembra que o pai Ubu, rei havia cinco dias, vai ver o capitão Bostadura, que ele mantinha preso. Para substituir a porta da prisão, um ator ficava em pé com o braço esquerdo esticado. Eu botava a chave na mão dele como se fosse uma fechadura. Ele fazia o barulho da cavilha, *cric-crac*, e virava o braço como se abrisse a porta. Neste momento, o público, certamente achando que a piada já tinha durado o suficiente, começou a gritar, a esbravejar: de todos os lados chegavam gritos, xingamentos, vaias e outros barulhos; enfim, de várias maneiras, um protesto que eu nunca tinha ouvido igual. Aquilo ia muito além de toda minha experiência até então – experiência que eu tinha conquistado com peças de vanguarda sempre mal recebidas, porém nunca com a sensação de que o público pode simplesmente parar uma apresentação.

Sob a máscara pesada desenhada por Jarry, envolto pela barriga que o palhaço [George] Footit⁴ tinha me emprestado, eu estava preso naquela carcaça, sentia muito calor, *espumava*, estava terrivelmente furioso. Até então, eu sempre havia ganhado do público: o sentimento da minha impotência sob a máscara me dava febre. Então comecei a dançar uma coreografia para reagir e desanuviar. A sala, que gritava e vaiava, começou a rir, a aplaudir, e nós pudemos continuar. A todo momento, aliás, ressurgiam tentativas de vaias. Houve um momento em que sentei na beira do palco, os pés na plateia. (Não é de ontem que sou adepto dessa ruptura.) Na primeira fila, o diretor do Théâtre du Gymnase Alphonse Frank gritava: “A saída é por aqui!”. Ah! Não nos faltaram *lazzi*!⁵

Depois desse ensaio geral, esperávamos ver na estreia uma plateia disposta a tudo. Eu estava armado de uma trompa de bonde, instrumento sonoro que desapareceu, e repetia para mim mesmo: “Se o negócio esquentar, vou soprar naquilo igual Rolando na emboscada de Roncesvales”.⁶ Só tive que usá-la duas vezes. O

público da estreia, como sempre, era menos apaixonado do que o do ensaio aberto.

Retomei o Ubu no teatro Antoine para uma festa de carnaval. O papel da mãe Ubu era encarnado por um homem. [Henry] Baur fazia o rei da Polônia de uma maneira admirável e Yvonne Debray o de Boleslau, o filho.

FIRMIN GÉMIER [1869-1933], ator e diretor de teatro francês. Atuou em duas montagens de *Ubu rei*, ambas no papel do Pai Ubu: na estreia, em 1896, e em 1908, numa versão dirigida por ele mesmo, no teatro Antoine. Esta entrevista foi conduzida por Roger Valbelle para *Excelsior*, 4 de novembro de 1921.

O FALECIDO ALFRED JARRY

GUILLAUME APOLLINAIRE

A primeira vez que vi Alfred Jarry foi numa daquelas noites no La Plume, já na segunda fase, que diziam não ser tão boa quanto a primeira. O café Soleil d'Or mudara de nome: chamava-se agora Café du Départ [café da partida]. Esse nome melancólico antecipou, sem dúvida, o fim das reuniões, talvez até o fim do La Plume. Foi um convite para uma viagem que nos fez partir para bem longe uns dos outros! Mesmo assim, aconteceram no subsolo da Place Saint-Michel algumas belas reuniões que deram origem a boas amizades.

Alfred Jarry, na noite em questão, me apareceu como a personificação de um rio, um jovem rio sem barba, vestindo roupas molhadas de naufrago. O bigodinho caído, o casaco desconjuntado, a camisa molenga e os sapatos de ciclista: tudo nele tinha algo de mole, de esponjoso; o semideus estava ainda úmido, parecia que havia poucas horas deixara sua cama encharcada de onde derramavam-se as ondas.

Foi bebendo cerveja *stout* que simpatizamos um com o outro. Ele recitou versos com rimas metálicas em “orde” ou “arde”. Então, depois de ouvir uma música nova de Cazals, fomos embora durante um concurso de dança desenfreado onde se embaralhavam René Puaux, Charles Doury, Robert Scheffer e duas mulheres descabeladas.

Passei quase a noite inteira percorrendo o Boulevard Saint-Germain com Alfred Jarry, e nós conversamos sobre brasões, heresias, versificação. Ele me falou dos marinheiros com quem convivia uma boa parte do ano, das marionetes que usou para representar Ubu pela primeira vez. A voz de Alfred Jarry era nítida,

grave, rápida, às vezes enfática. Ele parava subitamente de falar para dar um sorriso, e de repente ficava sério de novo. Remexia a testa sem parar, mas na horizontal, não na vertical, como as pessoas costumam fazer. Em torno das quatro horas da manhã, um homem se aproximou de nós para perguntar onde ficava Plaisance. Jarry sacou um revólver, ordenou que o passante recuasse seis passos e deu a informação. Nós nos separamos e em seguida ele voltou para seu galpão na rue Cassette, onde fui convidado a visitá-lo.

- Senhor Alfred Jarry?
- No terceiro e meio.

A resposta da zeladora me intrigou. Subi para a casa de Alfred Jarry que, de fato, morava no terceiro e meio. Os andares da casa tinham parecido altos demais para o proprietário, que os separou em dois. Esse prédio, que ainda hoje existe, tem, portanto, uns quinze andares, mas por ser da mesma altura que os outros prédios do bairro, não passa de uma redução de arranha-céu.

Aliás, não faltavam reduções na casa de Alfred Jarry. O terceiro e meio era a redução de um andar onde, em pé, o inquilino se sentia à vontade, enquanto eu, mais alto que ele, era obrigado a me curvar. A cama não passava de uma redução de cama, isto é, um catre: as camas baixas estão na moda, me disse Jarry. A escrivaninha não passava de uma redução de escrivaninha, pois Jarry escrevia deitado no chão. O mobiliário não passava de uma redução de mobiliário, composto apenas de uma cama. Na parede encontrava-se pendurada uma redução de quadro. Era um retrato de Jarry cuja maior parte ele havia queimado, a não ser pela cabeça, que o deixava parecido com o Balzac de uma litografia que eu conheço. A biblioteca não passava de uma redução de biblioteca, se muito. Era composta de uma edição popular de Rabelais e de dois ou três volumes da Bibliothèque Rose. Da chaminé erguia-se um grande falo de pedra, uma obra japonesa, presente de Félicien Rops para Jarry que deixava a pica enorme sempre coberta por uma manta de veludo violeta, desde o dia em que o exótico monólito assustara uma senhora de letras esbaforida por ter subido até o terceiro e meio, totalmente deslocada naquele galpão sem móveis.

- É um molde? Perguntou a senhora.
- Não, respondeu Jarry, é uma redução.

Ao voltar do Grand-Lemps, onde trabalhara com Claude Terrasse, veio me encontrar no bar inglês da rue d'Amsterdam que eu costumava frequentar. Jantamos juntos, e como Jarry estava “com ouros”, ele me convidou para o Circo Bostock. Nas últimas galerias, assustou os vizinhos percorrendo sobre leões, revelando segredos pavorosos sobre o universo dos domadores. O cheiro dos felinos o embriagava. Ele contava que havia caçado uma pantera no jardim da rue de la Tour-des-Dames. Na verdade, eram filhotes de panteras que tinham fugido de uma jaula deixada aberta por engano. Enquanto isso, na história, os convidados de Jarry, constrangidos, estão prontos para matar as pequenas panteras pela janela, com uma espingarda.

“Não façam nada”, diz Jarry, “deixem comigo.”

Havia na sala de jantar onde ele estava uma armadura do seu tamanho. Então ele se fantasia de cavaleiro e, todo armado de ferro, desce até o jardim segurando um copo com a manopla. As bestas ferozes estão prestes a atacar quando Jarry mostra o copo vazio. Imediatamente domadas, as panteras o seguem e voltam para a jaula, que ele fecha.

[...] pois este é o melhor método para dobrar os felinos. Assim como a maioria dos homens, os bichos mais cruéis têm horror de um copo vazio e, assim que veem um, ficam todos medrosos: aí a gente faz com eles o que bem entender.

E como ao contar essa história ele agitava o revólver, os espectadores recuavam, as mulheres demonstravam terror e algumas quiseram até ir embora. Em seguida, Jarry não escondeu de mim a satisfação que sentiu ao assustar os filisteus, e foi com o revólver na mão que subiu ao segundo andar do ônibus que o levaria de volta a Saint-Germain-des-Prés. Lá de cima, para me dizer adeus, continuava a agitar seu 38.

Essa arma passou cerca de seis meses no ateliê de um de nossos amigos, nas seguintes circunstâncias:

Tínhamos sido convidados para jantar na rue de Rennes. À mesa, alguém quis ler a mão de Jarry, e ele provou que tinha todas

as linhas em dobro. Para mostrar sua força, quebrou aos socos alguns pratos virados de cabeça pra baixo e acabou se machucando. O aperitivo e os vinhos já o tinham deixado irritado. Os licores terminaram de excitá-lo. Um escultor espanhol quis conhecê-lo e disse palavras gentis. Mas Jarry ordenou àquele “bultre” que saísse da sala, nunca mais aparecesse, e me garantiu que o rapaz tinha feito a ele propostas das mais inconvenientes. Após alguns minutos, o espanhol, que tinha fugido, voltou, e Jarry atirou nele imediatamente. A bala foi parar numa cortina. Duas mulheres grávidas que estavam ao lado desmaiaram. Os homens também não estavam tranquilos, e tivemos que ser dois para levá-lo embora. Na rua, ele me disse com a voz do Pai Ubu: “Não é que foi boa literatura? Só esqueci de pagar a conta.”

Ao levá-lo de volta nós o desarmamos, e seis meses depois ele apareceu em Montmartre pedindo o revólver que nosso amigo esquecera de devolver.

As travessuras de Jarry prejudicaram profundamente sua glória, e seu talento, um dos mais singulares e sólidos de sua época, não lhe rendia o suficiente para viver.

Ele vivia mal, se alimentando em Paris de costeletas de cordeiro cruas e conservas de pepino. Ele me garantiu que, para compensar o estômago, costumava beber antes de dormir um copo cheio de uma mistura estranha de vinagre e absinto, à qual ele adicionava ainda uma gota de tinta de caneta.

Faltaram ao Pai Ubu as paixões femininas. Em Coudray, ele vivia da pesca, e foi, sem dúvida, uma sorte ele ter passado um tempo fora de Paris, à beira do rio. A cidade o teria matado muitos anos antes se tivesse permanecido lá.

Alfred Jarry foi um homem de letras como raramente se vê. Dos pequenos gestos às palhaçadas, tudo era literatura. É que ele era criado nas letras e em nada mais. E de que maneira admirável! Um dia, alguém disse perto de mim que Jarry foi o último autor burlesco. Que erro! Pensando assim, a maior parte dos autores do século XV, e uma grande parte do século XVI seriam apenas burlescos. A palavra não é suficiente para designar os produtos mais raros da cultura humanista. Não há termo que se aplique a essa alegria particular em que o lirismo se torna satírico, em que a sátira, se

debruçando sobre a realidade, ultrapassa tanto seu tema que o destrói e sobe tão alto que a poesia mal pode alcançá-la, enquanto o trivial salta aos olhos e, por um fenômeno inexplicável, torna-se necessário.

Somente o Renascimento permitia essa entrega às folias da inteligência em que os sentimentos não têm lugar, e Jarry, por milagre, foi o último desses sublimes foliões.

Ele tinha admiradores e, dentre seus leitores, constavam filólogos e sobretudo matemáticos. Aliás, ele era popular na École Polytechnique. Porém uma grande parte do público e das pessoas de letras o desconhecia. Ele sofria profundamente com esse desprezo. Uma vez, ele me contou longamente sobre uma carta na qual o senhor Francis Jammes lhe passava um sermão por conta do *Supermacho* que acabava de ser publicado. O poeta de Orthez dizia que os livros de Jarry lembravam o cidadão que necessitava sair de Paris para recobrar a saúde moral etc. Era isso ou alguma coisa parecida. “O que ele diria”, observava Jarry, “se soubesse que passo a maior parte do ano no interior, na beira de um rio onde eu pesco todo dia?”

Depois de ficar um bom tempo sem encontrá-lo, revi Jarry em um momento em que sua existência parecia tornar-se menos precária. Estava publicando livros, anunciava seu novo romance *La Dragonne*, falava de uma pequena herança que envolvia uma torre em Laval. Essa torre, que ele teria que reformar para conseguir ocupar, tinha o dom de girar sem parar sobre sua base. No entanto, o movimento era lentíssimo, visto que a torre demorava cem anos para dar uma volta inteira. Creio que essa história fantástica veio de uma logomaquia em que se misturaram os dois sentidos e gêneros da palavra “tour”.⁷

De qualquer forma, Jarry adoeceu, miserável. Os amigos o salvaram. Ele voltou a Paris com algum dinheiro e suas despesas de farmácia. Eram as contas do dono da adega!

Depois, não tive notícias de sua existência. Mas soube que em pouquíssimos dias Jarry bebeu todo o dinheiro e não comeu nada. Não soube que o tinham levado para o Hôpital de La Charité. Parece que ele ficou lúcido e malandro até o final. Georges Polti, ao visitá-lo, se aproximou de sua cama e, como estava emocionado e

falava muito baixo, não percebeu quando Jarry, apesar de estar quase morrendo, gritou alto para ter o prazer de assustar seu amigo e fazê-lo tremer: “E aí, Polti, como vão as coisas?”.

Jarry morreu em 1º de novembro de 1907, e no dia 3 nós éramos uns cinquenta no enterro. Os rostos não estavam muito tristes, e apenas Fagus, Thaddée Natanson e Octave Mirbeau tinham uma aparência um pouco fúnebre. É certo que todo mundo sentia muito pelo sumiço do grande escritor e do rapaz fascinante que fora Jarry. Mas há mortos que devem ser lamentados sem lágrimas. Não havia carpideiras no enterro de Folengo, no de Rabelais nem no de Swift. Também não precisávamos delas no de Jarry. Esses mortos nunca tiveram nada em comum com a dor. Seus sofrimentos nunca foram ligados à tristeza. Em funerais desse tipo, cabe a cada um mostrar o orgulho e a felicidade de ter conhecido um homem que nunca sentiu a necessidade de se preocupar com as misérias que se abatiam sobre ele e o mundo.

Não, ninguém chorava no caixão do Pai Ubu. E como era domingo, um dia após o dia de Finados, o povo que estava no cemitério de Bagneux se espalhou à noite pelos quiosques e bares ali em volta. Era gente pra todo lado. Todo mudo cantando, bebendo, comendo embutidos: um quadro truculento como as descrições imaginadas por aquele que enterrávamos.

GUILLAUME APOLLINAIRE [1880-1918], um dos escritores mais importantes das vanguardas do início do século XX, atuou também como crítico de arte. Este texto foi publicado pela primeira vez na revista *Les Marges* em novembro de 1909.

HAPPENING UBU

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA DE 1972

OTTO MARIA CARPEAUX

O dia 10 de dezembro de 1896 é uma grande data na história do teatro francês – com algum exagero dir-se-ia que é mesmo uma data histórica. Lugné-Poe, o grande renovador do teatro parisiense, já tinha surpreendido a gente com representações de *Pelléas et Mélisande*, de Maeterlinck, de *Rosmersholm*, de Ibsen, da *Salomé*, de Wilde, obras que passavam então por excessos de modernidade. Naquele 10 de dezembro convidou a crítica hostil e o público desconcertado para o Théâtre de l'Œuvre, prometendo uma peça inédita de autor desconhecido: *Ubu rei*, de um certo Alfred Jarry. O título, lembrando vagamente o *Édipo rei*, de Sófocles, parecia anunciar uma tragédia clássica. Realmente, ao levantar-se o pano, os espectadores viram as colunas de um templo grego, embora com a palavra École na arquitrave, e um coro de comparsas providos de máscaras. Acostumados ao estilo declamatório do Théâtre Français, esperavam ver o ator principal avançar para a ribalta, pronunciando versos racinianos como: “*Cet esprit d'imprudence et d'erreur/ De la chute des rois funeste avant-coureur*”. Mas, em vez disso, o grande ator Firmin Gémier avançou para a ribalta, dirigindo-se à plateia, pronunciando a palavra que nunca até então se tinha ouvido num palco: “*Merdre!*”.

Foi o escândalo.

Mas nem todos os presentes vaiaram a audácia inédita. Estava presente Mallarmé, o grave Mallarmé, e seu comentário foi uma surpresa: “Jarry é poeta”, disse, “e com este *Ubu rei* começa uma nova época”. Foi uma frase profética. Mas a profecia ficou durante muito tempo incompreendida, e ainda hoje muitos perguntam: “Quem foi Ubu? Quem foi Jarry?”.

Que resposta James Joyce. Em *Finnegans Wake*, obra na qual cada frase encerra pelo menos uma alusão criptografada, Shaun diz sobre Shem: “*He has novel ideas, I know, and he’s a jarry queer fish*”. O adjetivo *queer* é alusão menos delicada aos hábitos sexuais do sujeito da frase, mas trata-se, sem dúvida, de uma secreta homenagem a esse homem de *novel ideas*: a Alfred Jarry.

Não se descreve com frases convencionais um *queer fish*. No entanto, uma introdução – como esta – não pode dispensar certos elementos informativos. Alfred Jarry nasceu em 1873 em Laval, filho de gerações de camponeses robustos da Bretanha e de uma mãe ligeiramente excêntrica (outros dizem: fortemente louca). Foi homem baixinho, vigoroso como seus antepassados paternos, ciclista apaixonado, esgrimidor hábil, pescador à linha – apenas os olhos profundos desmentiram a aparência de um desportista despreocupado. Dado a *practical jokes*, zombava de todos e acabou sendo ridicularizado por todos, levando uma existência burlesca. Como todos os grandes humoristas, como Molière, como Swift, como Gógol, foi homem triste. O fato de ter sido *queer*, no dizer de Joyce, contribuiu para torná-lo isolado, tímido. Viveu em pobreza abjeta. Recusou todas as oportunidades, por incapacidade inata de fazer concessões aos hábitos da vida burguesa e às convenções da vida literária parisiense. A todas as suas tribulações juntou-se doença torturante. Encontrou o único consolo no álcool. Pode-se afirmar que Jarry se suicidou, bebendo sistematicamente. Morreu em 1907, com apenas trinta e quatro anos de idade, na mesma solidão em que sempre vivera.

Os primeiros que reconheceram a importância de Jarry foram Apollinaire e Max Jacob: dedicaram-lhe em 1903 um número especial de uma revista literária que ninguém leu. Depois, muito depois, vieram os surrealistas, caindo no outro extremo: desenterraram o já quase esquecido Jarry para colocá-lo nos

altares; um dos pontífices do movimento chegou a declarar que *Ubu rei* vale mais que as obras completas de Shakespeare. Mas não foi moda efêmera. É indiscutível a influência profunda que Jarry exerceu sobre toda a vanguarda francesa: sobre a poesia das grandes cidades e da vida cotidiana, de Léon-Paul Fargue; sobre a poesia de *humour noir* de Audiberti; sobre as audaciosas experiências linguísticas de Michaux; sobre Blaise Cendrars, que transmitiu uma centelha de irreverência jarriniana ao modernismo paulista; sobre Fernand Lot, que dedicou a Jarry um estudo notável, só superado, depois, pela monografia da escritora suíça Carola Giedion-Walcker, que foi amiga de Joyce e Apollinaire. Desde então, o antiliterato Alfred Jarry tem, paradoxalmente, garantido seu lugar na história da literatura moderna. Ubu é rei coroado e ungido de uma vanguarda que já deixou de ser vanguarda.

Jarry começara ridicularizando Ubu, caricatura do repugnante e tirânico professor secundário que lhe amargurara os dias de garoto no colégio em Rennes. Tornando-se famoso por essa caricatura demolidora, Jarry acabou identificando-se com sua vítima, andando como Ubu e falando como Ubu. Foi sua máscara para defender contra amigos e inimigos íntimos sua *privacy* vulnerável e vulnerada. Criou-se um equívoco: Jarry teria sido o próprio Ubu e *Ubu rei*, sua única obra notável ou, pelo menos, decisiva. Mas não é tanto assim. Alfred Jarry não é homem de um livro só. Sua obra é volumosa e multiforme, e suas obras, embora em parte dificilmente acessíveis, sempre são importantes e, às vezes, de surpreendente atualidade.

Quando Jarry, jovem estudante, ainda vivia na Bretanha, a grande moda literária da época era o naturalismo à maneira de Zola. Sacrificando a esse estilo, Jarry aproveitou as experiências dos seus dois anos de serviço militar obrigatório em Laval para escrever o romance *Les Jours et Les Nuits*, quadro repugnante de gente brutalizada, dir-se-ia bestial e estupidificada pelo treinamento militar. Logicamente, o personagem “heroico” do romance é Sengle, o desertor. Se, naquela época, círculos oficiais se tivessem dignado de ler esse romance, estariam patrioticamente indignados. Mas cinquenta anos mais tarde, os militares de Laval e outras localidades, derrotados por um inimigo estrangeiro ainda mais reacionário que eles próprios, deixaram de ser a honra e a

esperança da Pátria Francesa, e André Gide escreveu, em 11 de maio de 1941, em seu *Journal* as palavras seguintes, que exprimiram a honra e a esperança da verdadeira Pátria Francesa: “*Je ne compte plus que sur les déserteurs*”. O desertor Sengle estava vindicado.

Em Paris, naqueles anos de 1895, o naturalismo já era *vieux jeu*. A gente trajava, então, simbolismo e decadentismo, lamentando em versos harmoniosos o fim do século e do mundo. Jarry também virou simbolista e decadentista. Mas suas lamentações não se referiram ao passado e, sim, ao futuro, e seus versos não eram harmoniosos, mas deliberadamente ásperos ou, como se dizia então, “barrocos” (é, aliás, surpreendente a semelhança desses seus versos com os do maneirismo e barroco inglês, que Jarry não podia conhecer e não conhecia). De fato, as poesias do volume *Les Minutes de Sable Mémorial* são as primeiras poesias realmente vanguardistas da literatura francesa: influenciadas por Lautréamont, antecipam muitas vezes o surrealismo de Breton.

É claro que em 1895 ninguém entendeu essa espécie de poesia. Mas achou alguns admiradores o romance *Messaline*, porque cheio de erudição arqueológica; e a obra teria, talvez, encontrado reconhecimento oficial, se a imperatriz romana fosse um pouco menos ostensivamente ninfomaníaca.

Os interesses científicos de Jarry eram muitos e não se limitaram à erudição clássica. Em *O supermacho*, o personagem principal é um técnico, um especialista em eletrônica *avant la lettre*. O romance antecipa a *science fiction* e prediz muito exatamente os horrores que a técnica é capaz de desenfrear quando abusam dela os tecnocratas-ditadores; também vale mencionar, neste contexto, o poema “A canção dos desmiolados”, que prediz a mistificação das massas pelo *brain-washing* da propaganda política.

Nem todos os estudos de Jarry podem ser levados a sério. Dos seus tempos de poeta simbolista tinha ele guardado certo interesse pelas ciências ocultas e por brincadeiras cabalísticas; da sua mãe excêntrica tinha herdado uma forte veia de misticismo. Durante anos ocupava-o um esforço sério, embora involuntariamente (ou voluntariamente?) humorístico de “descobrir as leis que regem as exceções, para explicar o Universo Suplementar”. Monumento

desses estudos é o romance *Les Gestes et Opinions du Dr. Faustroll*, especialista em “Patafísica”. Há quem goste dessas coisas. O poeta Queneau chegou mesmo a fundar (e manter até hoje) um *College de Pataphysique*. Mas o fato de que um dos frequentadores mais assíduos dessa sociedade de mistificadores é o dramaturgo do absurdo ou dramaturgo absurdo Ionesco, esse fato basta para desmoralizar o negócio inteiro.

Os verdadeiros títulos de glória de Jarry são outros. Foi, em tudo, o primeiro. Já em 1894 descobriu Henri Rousseau, ao qual conferiu o título de *peintre-douanier* (mais tarde reinventado por Apollinaire); e Rousseau, agradecendo, retratou-o – em companhia de um papagaio e de um camaleão. Jarry foi, em muitas coisas, um precursor. E o camaleão, que Henri Rousseau lhe deu como companheiro, é bem o símbolo da multiformidade das suas ideias antecipadas.

Precursor ele foi, em primeira linha, da vanguarda poética, e é justo, portanto, que a tradução de *Ubu rei* [da edição de 1972] tenha sido confiada a Ferreira Gullar, um dos maiores poetas de vanguarda brasileira e autor de um livro original e indispensável sobre o papel das vanguardas em país subdesenvolvido como o nosso. Já aludi à influência exercida por Jarry sobre poetas como Cendrars, Audiberti, Michaux e Fernand Lot. Porém, muito antes, essa influência já foi sensível em Apollinaire e Max Jacob. E mais importante que esses efeitos individuais da poesia de Jarry é seu impacto sobre um movimento literário inteiro: sobre o surrealismo.

Os surrealistas foram os primeiros que reconheceram a importância de Jarry como mestre de literatura (ou antiliteratura) e como mestre de um determinado estilo de vida. Deve-se aos surrealistas a intronização de Jarry como precursor da vanguarda do século XX. Realmente, certas páginas de Jarry, oscilando entre o humor negro e a mística do absurdo, entre o real e o irreal, leem-se hoje como se tivessem sido escritos por Breton ou Tzara, por Arp ou Crevel. Mas tinham eles o direito de anexar totalmente a memória de Jarry, como de um surrealista *avant la lettre*? Não se encontra em Jarry nada de escrita automática e truques parecidos, nem nada daquilo que transformaria, mais tarde, alguns surrealistas em adeptos da psicanálise e outros em partidários do comunismo.

Abstraindo-se das ideias esquisitas e (para dizer a verdade) imprestáveis da “Patafísica”, Jarry nunca chegou a apresentar qualquer espécie de programa literário ou mesmo antiliterário. Nem quis. Seu espírito e sua ação foram totalmente e deliberadamente negativos. Como mestre da negação agressiva, Jarry está menos perto do surrealismo do que de um outro movimento, eclipsado por este, talvez porque não nascera em solo francês: Jarry é, na verdade, o Grande Precursor de Dada.

Dada nasceu na Suíça durante a guerra, em 1916, como protesto contra a violência e corrupção de um mundo que merecia só um qualificativo: o da primeira palavra de *Ubu rei*. Já antes, em tempos de uma paz ilusória, tinha Jarry reconhecido essa antiquidade de um mundo acadêmico-burguês-militar. Dada foi mal compreendido: como infantilismo agressivo. Jarry tampouco foi entendido. Ainda na edição de 1938 do *Manual Didático Oficial de História Literária*, de Marcel Braunschvig, *Ubu rei* é citado como exemplo de “Teatro Cômico”, ao lado de um fabricante de peças de *boulevard* como Feydeau. Hoje, a perspectiva já é diferente: Jarry parece-nos o precursor do Teatro do Absurdo.

Ubu rei é, em tudo, a primeira peça do Teatro do Absurdo. Mas essa verificação permite imediatamente fazer as distinções indispensáveis. Jarry não tem nada que ver com o pessimismo metafísico de Samuel Beckett e muito menos com a frivolidade pré-acadêmica de Ionesco. Seu humor não deixa de ser cartesiano: é a demonstração rigorosamente lógica de uma tese, embora esta seja absurda. Saindo do decadentismo poético da sua mocidade, Jarry reconhece e admite que o mundo em seu redor está decadente. Por que negá-lo? Mas a reação de Jarry não é chorosa como a de um Samain ou Maréas. É, exatamente, a mesma reação – numa famosa página do *Ulisses*, de Joyce – dos judeus exilados na Babilônia: “[...] and ther sit down by the waters of babalong and laugh”. As lágrimas deste mundo, Jarry demoraliza-as, demonstrando que são absurdas. Seu lema poderia ser: “*A un Absurde, Absurde et Demi*”. E a denúncia desse absurdo é a primeira palavra de *Ubu rei*.

É uma manifestação deliberadamente antiliterária. Por isso mesmo não se limita à revolta contra a literatura, oficial ou outra. É

expressão de uma revolta geral, que já começou com a revolta antimilitarista de *Les Jours et les Nuits* e continua com a revolta, digamos, anti-escolar de *Ubu rei*.

Também a esse respeito é Jarry um precursor. *Ubu rei* é de 1896. O decênio seguinte assiste a um movimento literário (embora até hoje ainda não registrado nem percebido pelos historiadores da literatura) de revolta contra a escola. Basta citar o romance *A.M.D.G.* (1910), de Pérez de Ayala, com sua tendência contra a educação nos colégios jesuíticos da Espanha, e *Retrato do artista quando jovem* (1916) de Joyce. São variantes trágicas do tema. Uma variante tragicômica é o romance *Professor Unrat* (1905), de Heinrich Mann, cujo enredo todo mundo conhece pelo filme *O anjo azul*: Unrat é o professor tirânico, que persegue implacavelmente os alunos, descobrindo neles a perversão moral de que ele próprio se tornará vítima. O professor Unrat é o irmão mais novo de *Ubu rei*.

Alfred Jarry escreveu a peça em 1888, com quinze anos de idade, quando aluno do liceu de Rennes, para ridicularizar um professor de matemática, Héber, que os garotos costumavam chamar de Père Hébé. Ubu é, como Unrat, um monstro em sentido moral. Também é um monstro em sentido físico: uma barriga gigantesca que se movimenta por meio de duas pernas frágeis; a cabeça é pequena, mas a dentadura é a de um tubarão. A essa monstruosidade física corresponde o comportamento: a criatura é burlesca, cruel, covarde, estúpida, infernal. Tiraniza os alunos, assim como é tirânico qualquer pequeno-burguês, quando dispõe de poder sobre outros. Ubu é mais que um tirano de colégio secundário. É um símbolo social e uma profecia política. Ubu é o arquétipo dos ditadores cruéis e estúpidos do século XX. E Ubu é rei: personifica o poder totalitário do Estado fascista. Contra sua tirania só adianta a revolta total dos seus desgraçados súditos, representados no palco pelos infelizes alunos. *Ubu rei* é peça profética: antecipa a revolta da mocidade.

Essa relação entre a peça de 1896 e sua representação na vida, na segunda metade do século XX, permite definir a posição histórica de *Ubu rei*.

Durante muito tempo, a historiografia literária oficial não se dignou de tomar conhecimento da existência de Alfred Jarry. Seu

nome não aparece nem sequer nas últimas edições do Lanson. Mas depois do surrealismo já não foi possível ignorá-lo. Para desintoxicar a coisa, procuravam-se casos parecidos na história literária da França. Os mestres-escola lembravam-se, então, da famosa e turbulenta representação, em 1830, do *Hernani*, de Victor Hugo, considerada como data do nascimento do romantismo. E diziam que a representação de *Ubu rei* no Théâtre de L'Œuvre, em 10 de dezembro de 1896, teria sido a “Bataille d’Hernani da Vanguarda”. Essa comparação me parece estúpida, digna de uma aula de literatura do professor Ubu. Pensando nas consequências e efeitos, proponho outra definição: a representação de *Ubu rei* em 10 de dezembro de 1896 foi o primeiro *happening*.

Que vem a ser um *happening*? Não é mera baderna jocosa. Um verdadeiro *happening* é um ato aparentemente absurdo pelo qual se pretende perturbar um ato sério e cerimonioso de outros para torná-lo também absurdo, desmascarando-o e denunciando-o. Um exemplo: na Universidade de Munique, o ano letivo costuma ser inaugurado por uma espécie de procissão dos professores catedráticos que, vestidos com suas togas pretas, andam lentamente para a sessão solene na Reitoria; em 1969, os estudantes acompanharam essa “procissão”, usando maxivestidos pretos e saracoteando em ritmo de valsa: o prestígio dos catedráticos sofreu irremediável abalo.

Cada representação, passada, presente ou futura de *Ubu rei* é um *happening*. Assim, é um protesto dos alunos e ex-alunos de Ubu contra todos os Ubuses deste mundo. O método do protesto parece extravagante: que pode uma peça burlesca contra instituições sagradas, defendidas por todos os poderes? Um pensador alemão contemporâneo, Günther Anders, explica: “*Happenings* são encenados por aqueles que não têm poder nenhum e não possuem ou ainda não possuem força para modificar radicalmente ou abolir instituições execráveis. São sucedâneos de ação verdadeira, às vezes atos de desespero, embora parecendo humorísticos. Os que possuem ou representam o poder nunca encenam *happenings* (embora suas cerimônias, desfiles, procissões e recepções se apresentem tão absurdas como *happenings*). Não precisam. Mas tampouco podem. Pois o exercício do poder torna tão

lamentavelmente sérios os poderosos que ficam incapazes de compreender o humor desta coisa ou de qualquer coisa” – e, para citar outra vez os versos de Racine: insistem em cometer atos de “imprudência e erro, precedentes funestos da caída dos reis”. A resposta de Jarry só podia ser esta: “Merdra!”.

Ubu rei é uma “coisa” humorística daquela categoria. Seu valor literário pode ser discutido e até contestado. Mas fica acima de qualquer dúvida a atualidade de *Ubu rei*.

OTTO MARIA CARPEAUX [1900-78], jornalista, ensaísta e crítico literário austríaco naturalizado brasileiro. É considerado um dos maiores críticos literários brasileiros, tendo influenciado toda uma geração de intelectuais e escritores. Este texto foi extraído de *Ubu rei*, trad. Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

TERROR UBUESCO

MICHEL FOUCAULT

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso dever-se-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos do poder. O poder político, pelo menos em certas sociedades, em todo caso na nossa, pode se atribuir, e efetivamente se atribuiu, a possibilidade de transmitir seus efeitos, e muito mais que isso, de encontrar a origem dos seus efeitos num canto que é manifestamente, explicitamente, voluntariamente desqualificado pelo odioso, pelo infame ou pelo ridículo. Afinal de contas, essa mecânica grotesca do poder, ou essa engrenagem do grotesco na mecânica do poder, é antiquíssima nas estruturas, no funcionamento político das nossas sociedades. Vocês têm exemplos relevantes disso na história do Império romano, onde essa desqualificação quase teatral do ponto de origem, do ponto de contato de todos os efeitos de poder na pessoa do imperador foi precisamente uma maneira, se não exatamente de governar, pelo menos de dominar; essa desqualificação que faz aquele que é o detentor da *majestas* – desse algo mais de poder em relação a todo poder, qualquer que seja ele – ser ao mesmo tempo, em sua pessoa, em sua personagem, em sua realidade física, em seus trajes, em seu gesto, em seu corpo, em sua sexualidade, em sua maneira de ser, um personagem infame, grotesco, ridículo. De Nero

a Heliogábalo, o funcionamento, a engrenagem do poder grotesco, da soberania infame, foi perpetuamente aplicada no funcionamento do Império romano.

O grotesco é um dos procedimentos essenciais à soberania arbitrária. Mas vocês também sabem que o grotesco é um procedimento inerente à burocracia aplicada. Que a máquina administrativa, com seus efeitos de poder incontornáveis, passa pelo funcionário medíocre, nulo, imbecil, cheio de caspa, ridículo, puído, pobre, impotente, tudo isso foi um dos traços essenciais das grandes burocracias ocidentais, desde o século XIX. O grotesco administrativo não foi simplesmente a espécie de percepção visionária da administração que Balzac, Dostoiévski, Courteline ou Kafka tiveram. O grotesco administrativo é, de fato, uma possibilidade que a burocracia se deu. “Ubu burocrata” pertence ao funcionamento da administração moderna, como pertencia ao funcionamento do poder imperial de Roma ser como um histrião louco. E o que digo do Império romano, o que digo da burocracia moderna, poderia perfeitamente ser dito de outras formas mecânicas de poder, no nazismo ou no fascismo. O grotesco de alguém como Mussolini estava absolutamente inscrito na mecânica do poder. O poder se dava essa imagem de provir de alguém que estava teatralmente disfarçado, desenhado como um palhaço, como um bufão de feira.

Parece-me que encontramos aí, da soberania infame à autoridade ridícula, todos os graus do que poderíamos chamar de indignidade do poder. Vocês sabem que os etnólogos – penso em particular nas belíssimas análises que Clastres acaba de publicar – identificaram esse fenômeno pelo qual aquele a quem é dado um poder é, ao mesmo tempo, por meio de certo número de ritos e de cerimônias, ridicularizado ou tornado abjeto, ou mostrado sob um aspecto desfavorável. Será que se trata, nas sociedades arcaicas ou primitivas, de um ritual para limitar os efeitos do poder? Pode ser. Mas eu diria que, se são esses os rituais que encontramos em nossas sociedades, eles têm uma função bem diferente. Mostrando explicitamente o poder como abjeto, infame, ubuesco ou simplesmente ridículo, não se trata, creio, de limitar seus efeitos e descoroar magicamente aquele a quem é dada a coroa. Parece-me

que se trata, ao contrário, de manifestar da forma mais patente a incontornabilidade, a inevitabilidade do poder, que pode precisamente funcionar com todo o seu rigor e na ponta extrema da sua racionalidade violenta, mesmo quando está nas mãos de alguém efetivamente desqualificado. Esse problema da infâmia da soberania, esse problema do soberano desqualificado, pensando bem, é o problema de Shakespeare; e toda a série das tragédias dos reis coloca precisamente esse problema, sem que nunca, acho eu, ninguém tenha elaborado a teoria da infâmia do soberano. No entanto, mais uma vez, em nossa sociedade, de Nero (que talvez seja a primeira grande figura iniciadora do soberano infame) até o homenzinho de mãos trêmulas que, no fundo do seu bunker, coroado por 40 milhões de mortos, não pedia mais que duas coisas: que todo o resto fosse destruído acima dele e que lhe trouxessem, até ele arrebentar, doces de chocolate – vocês têm todo um enorme funcionamento do soberano infame.

MICHEL FOUCAULT [1926-84], ativista e filósofo francês, um dos grandes nomes da renovação filosófica do século XX. Este trecho faz parte de aula de 8 de janeiro de 1975, extraída de *Os anormais – Curso no Collège de France (1974-1975)*, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, pp. 11-13. A editora agradece a indicação de Mateus Thomaz.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2021 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2021 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.



**AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL**

*Liberté
Égalité
Fraternité*

FONTES Nitida, Ordinaire

Título original: *Ubu Roi ou Les Polonais*.

© Ubu Editora, 2021

© tradução Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier

Capa a partir de © Savignac, Raymond / Autvis, Brasil, 2021

PESQUISA Mariana Schiller

EDIÇÃO DE TEXTO Maria Emília Bender

PREPARAÇÃO Tomoe Moroizumi

REVISÃO Humberto do Amaral

TRATAMENTO DE IMAGEM Carlos Mesquita

EQUIPE UBU

DIREÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

COORDENAÇÃO GERAL Isabela Sanches

DIREÇÃO DE ARTE E DESIGN Elaine Ramos, Lívia Takemura (assistente)

EDITORIAL Bibiana Leme, Gabriela Naigeborin, Júlia Knaipp (assistentes)

COMERCIAL Luciana Mazolini, Anna Fournier (assistente)

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO/CIRCUITO UBU Maria Chiaretti, Walmir Lacerda (assistente)

GESTÃO SITE/CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

DESIGN DE COMUNICAÇÃO Júlia França, Lívia Takemura

ATENDIMENTO Laís Matias, Micaely da Silva

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Jarry, Alfred [1873-1907]

Ubu Rei ou Os poloneses / Alfred Jarry; traduzido por Bárbara Duvivier, Gregório Duvivier. Título original: *Ubu Roi ou Les Polonais*. Com textos de Firmin Gémier, Guillaume Apollinaire, Otto Maria Carpeaux e Michel Foucault. São Paulo: Ubu Editora, 2021. / 168 pp.

ISBN 978 65 86497 66 3

1. Teatro. 2. Peça. 3. Clássico. 4. Humor. 5. Política. 6. Filosofia. 7. Ciências sociais. 8. Literatura. I. Duvivier, Bárbara. II. Duvivier, Gregório. III. Título.

2021-3390

CDD 792 CDU 792

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro 792 2. Teatro 792



ubueditora.com.br

Notas

1 *Guignol*, no original, é o nome de um personagem criado por volta de 1808, em Lyon, por Laurent Mourguet. Diferente dos fantoches da época, o Guinhol não era manipulado por meio de cordas, mas vestido como uma luva, similar ao mamulengo brasileiro. Sua popularidade foi tanta que deu origem a uma nova vertente de teatro de marionetes, batizada de Teatro de Guinhol. [N.E.]

2 Etimologia inventada por Jarry, que deduz que “Pologne” seria formado por “Pothi”, do grego, “onde, algum lugar”, e “loin”, em francês, “longe”. [N.T.]

3 Gémier acabou não dirigindo a peça. No final, foi o próprio diretor da companhia, Lugné-Poe, que dirigiu sob supervisão de Jarry. [N.E.]

4 Aqui há outra imprecisão: em carta de 7 de dezembro de 1896 ao fundador da companhia, Lugné-Poe, Jarry avisa que uma “barriga de papelão e vime será entregue ao teatro por um fornecedor de acessórios ao custo de seis francos”. [N.E.]

5 Lazzi, plural de lazzo, termo italiano que literalmente significa “laço”, que no teatro era utilizado para denominar uma “piada recorrente”, uma estrutura cômica ensaiada, muito associada ao teatro popular italiano (Commedia dell’arte). [N.E.]

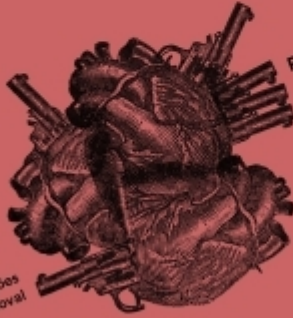
6 Referência ao personagem da literatura medieval e renascentista francesa, retratado em *La Chanson de Roland* e consagrado em *Orlando furioso*, de Ludovico Ariosto. [N.E.]

7 Em francês, *une tour* é “uma torre”; *un tour* é “uma volta”. [N.E.]

O SUPERMACHO

ROMANCE MODERNO
Alfred Jarry
Tradução Paulo Leminski

Ilustrações
Andrés Sandoval



O supermacho - romance moderno

Jarry, Alfred

9788592886264

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Fazer amor é um ato sem importância, já que se pode repeti-lo indefinidamente" é a frase de abertura deste romance provocador. A narrativa se passa em 1920, dezoito anos à frente da data de publicação, o que ajuda a explicar o subtítulo romance moderno. Irreverente, erótico, repleto de jogos de linguagem e de elementos que o fazem flertar com a ficção científica, o livro relata a saga de um homem capaz de realizar o ato amoroso em escala sobre-humana. Embora tenha importância indiscutível, a sexualidade não é a única questão debatida. A disputa entre um trem capaz de atingir velocidades inimagináveis e uma equipe de ciclistas – cuja energia provém unicamente do inovador Perpetual Motion Food –, bem como a invenção de um dispositivo teoricamente capaz de incutir sentimentos, colocam o amor e a relação entre homem e máquina lado a lado. Por meio do corpo, testam-se limites, sejam eles sexuais ou esportivos, e confundem-se o prazer físico e o desejo de quebrar recordes. A obra de Jarry expõe uma sociedade em que o ser humano se fortalecia pelos avanços da ciência e, ao mesmo tempo, ficava cada vez mais submetido a ela. Em sua busca pelo absoluto, teria o homem, ele próprio, se transformado em máquina? Situando fora de seu tempo uma discussão que,

paradoxalmente, encontrava eco nas reflexões da época sobre o amor e o desejo, Jarry compôs um romance cuja atualidade permanece intocada e onde se ouvem ecos do super-homem de Nietzsche.

[Compre agora e leia](#)

COLEÇÃO EXPLOSANTE

FRANTZ FANON

ALIENAÇÃO E LIBERDADE

[CAPÍTULO 2 PARTE III]
CURSO DE PSICOPATOLOGIA
SOCIAL E OUTROS TEXTOS

Excerto do livro Alienação e liberdade – Escritos psiquiátricos

Fanon, Frantz

9786586497038

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

Trecho do livro "Alienação e liberdade – escritos psiquiátricos" contendo o Curso de Psicopatologia Social na Universidade de Túnis, com introdução de Lilia Ben Salem. O curso foi ministrado por Frantz Fanon aos estudantes matriculados no programa dos bacharelados em sociologia e em psicologia na diplomação de psicologia social, ao longo do ano letivo de 1959–60. Ao longo do curso, Fanon comenta sua experiência como psiquiatra no Hospital de Blida, seus conflitos com colegas a respeito dos métodos de intervenção psiquiátrica; os novos métodos, como a socioterapia e a psicoterapia institucional, algo que, na época, era revolucionário. Além de evocar, como não poderia deixar de ser, as relações entre negros e brancos.

[Compre agora e leia](#)

**PELE
NEGRA,
MÁSCARAS
BRANCAS
FRANTZ
FANON**

Pele negra, máscaras brancas

Fanon, Frantz

9786586497182

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro livro de Frantz Fanon, "Pele negra, máscaras brancas" é um dos textos mais influentes dos movimentos de luta antirracista desde sua publicação, em 1952. Logo de início, se apresenta como uma interpretação psicanalítica da questão negra, tendo como motivação explícita desalienar pessoas negras do complexo de inferioridade que a sociedade branca lhes incute desde a infância. Assim, descortina os mecanismos pelos quais a sociedade colonialista instaura, para além da disparidade econômica e social, a interiorização de uma inferioridade associada à cor da pele – o que o autor chama de "epidermização da inferioridade". Não se compreende a questão negra fora da relação negro-branco. Com erudição, Fanon articula conceitos da filosofia, psicanálise, psiquiatria e antropologia, e autores como Hegel, Sartre, Lacan, Freud e Aimé Césaire (referência literária, intelectual e política que perpassa toda a obra), numa notável linguagem poética, que nos conduz a uma reflexão sobre sua relação com o tema. Um dos principais efeitos da leitura da obra – diz o professor e pesquisador Deivison Faustino no posfácio a esta edição – é fazer leitores e leitoras se descobrirem, seja em sua vulnerabilidade e desamparo, seja angustiados sob a consciência de seus pecados, ou ainda

como demônios que impõem sofrimento e dominação a outros, mesmo que a princípio se vejam como anjos. Em um momento de ampliação da luta antirracista e conscientização e incorporação de brancas e brancos a essa luta, este livro continua sendo transformador, em busca de uma sociedade realmente livre e igualitária. A edição da Ubu conta com prefácio de Grada Kilomba e posfácio do especialista em Fanon Deivison Faustino. Textos escritos especialmente para a edição da Ubu. O livro traz ainda textos do intelectual e ativista Francis Jeanson e do historiador Paul Gilroy. Tradução de Sebastião Nascimento, com colaboração de Raquel Camargo.

[Compre agora e leia](#)

COLEÇÃO EXPLOSANTE

CARLOS MARIGHELLA

CHAMAMENTO AO POVO BRASILEIRO

[CAPÍTULO 3 PARTE 1]

Excerto do livro Chamamento ao povo brasileiro

Marighella, Carlos

9786586497045

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

Excerto do livro *Chamamento ao povo brasileiro*

Sinopse do volume integral:

Reunião de ensaios, cartas, manifesto e poemas de Carlos Marighella, incluindo textos que só circularam clandestinamente, com nova edição após muitos anos fora de catálogo. Militante comunista desde a juventude, deputado federal constituinte e, depois de romper com o PCB, fundador do maior grupo armado de oposição à ditadura militar – a Ação Libertadora Nacional, Marighella já foi considerado o "inimigo número um" do regime. A ALN chegou a participar de assaltos a bancos, carros-fortes e trem-pagador, e do famoso sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, ainda que seu líder não soubesse da operação. Seus métodos fizeram com que Marighella se tornasse uma das figuras mais controversas da história do Brasil. Wagner Moura filmou a biografia escrita por Mario Magalhães, Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo. O filme estreou no Festival Internacional de Cinema de Berlim em fevereiro de 2019, e ainda não foi lançado no Brasil. O volume inclui o livro integral Por que resisti à prisão (1965);

textos de análise política do país e a ruptura com o PCB, escritos sobre a luta armada, incluindo Frente a frente com a polícia e Cartas de Havana. Alguns dos poemas e sátiras de Marighella podem ser lidos ao longo do livro.

[Compre agora e leia](#)



Bebês e suas mães

Winnicott, Donald Wood

9788571260566

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coletânea de nove textos do psicanalista e pediatra, Donald Winnicott, especializado no cuidado infantil. O volume traz, ainda, três textos inéditos do autor sobre a relação mãe-bebê, e um prefácio de Maria Rita Kehl. Esta nova tradução conta com conselho técnico formado por Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker, Gilberto Safra, Tales Ab'Saber, Leopoldo Fulgencio. Ao longo dos textos, o autor procura encorajar às mães a confiarem em seus instintos nos cuidados de seus bebês. Ele identifica nos primeiros dias e meses da vida do bebê os alicerces do que será sua saúde mental, e reforça a importância do par mãe-bebê, em que há uma espécie de simbiose, para a saúde mental. Entre os termos clássicos cunhados por Winnicott e aqui descritos está o segurar [holding] – como metonímia da forma como a mãe fornece sustentação para que seu filho se torne uma pessoa saudável –, a mãe suficientemente boa – que não é nem onipotente e procura sanar qualquer sofrimento do filho, nem ausente e distante, deixando a criança em desamparo –, e o ambiente facilitador – que propicia tanto o desenvolvimento do bebê quanto as falhas necessárias para a constituição de sua identidade.

[Compre agora e leia](#)